

# AVASSALADOR

BÁRBARA SHÊNIA

---

**Copyright © 2017 by Bárbara Shênia**

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

---

# Capítulo 1

*“Socorro, não estou sentindo nada! Nem medo, nem calor, nem fogo, não vai dar mais pra chorar nem pra rir. Socorro, alguma alma, mesmo que penada, me empreste suas penas. Já não sinto amor, nem dor, já não sinto nada. Socorro, alguém me dê um coração que esse já não bate nem apanha. Por favor, uma emoção pequena, qualquer coisa! Qualquer coisa que se sinta, tem tantos sentimentos deve ter algum que sirva.”*

*Socorro – Cássia Eller*



Abro lentamente os olhos e vejo que ainda está escuro, o que não faz muita diferença já que as cortinas do meu quarto bloqueiam completamente a claridade. Não consigo entender o que está acontecendo e fecho os olhos outra vez. Ouço o mesmo barulho de antes e me sento em minha cama. Olho para os lados e aos poucos vou despertando.

- Dona Lívia – ouço depois de outra batida na porta.

- Pode entrar, Cátia.

- Desculpe acordá-la, mas sua mãe está no telefone e insistiu.

“Como se fosse tão importante assim falar comigo...”

Ela se aproxima e me entrega o telefone.

- Alô?

- Você ainda está dormindo? São quase duas horas da tarde!

- E que diferença isso faz? O que você quer, mãe?

- Só te avisar que nós não vamos voltar hoje. Teremos que ficar aqui mais alguns dias.

- E você não podia ter deixado recado como você sempre faz? Tinha que me acordar?

- O seu pai quer saber se você quer alguma coisa de Paris.

- É claro que quero, mas não sei o que ainda. Eu te passo um e-mail mais tarde.

- Está bem. Tchau, Lívia.

- Tchau, mãe.

Desligo o telefone e fico olhando para o aparelho. Eu não preciso de nada de Paris. Eu já tenho muito mais do que qualquer um precisa de qualquer lugar do mundo. Eu só queria um pouco de atenção... Mas é claro que isso eles nunca puderam me dar.

- A senhora quer que eu traga seu café da manhã?

- Não – Cátia estende a mão para mim e eu devolvo o telefone a ela. – Deixe preparado na varanda. Eu já estou indo.

Ela veio trabalhar aqui em casa há cinco anos para ajudar a Iracema, que já não estava dando conta da casa inteira por causa da idade. Ao todo, nós temos 8 empregados, mas 4 deles trabalham diretamente para mim: a Iracema, que mora conosco desde que eu nasci e que me criou, a Cátia que limpa e arruma a casa todos os dias, mas não mora aqui, o João que é o meu motorista e o Hugo que é o cozinheiro. Fora eles, meus pais têm mais dois motoristas, o rapaz que cuida das plantas da minha mãe, que eu realmente não sei por que ela acha que são dela, já que ela nunca está aqui, e o senhor que vem de vez em quando limpar as piscinas.

Levanto-me com calma e vou ao banheiro lavar o rosto, escovar os dentes e passar protetor solar. Assim que termino, vou para a varanda e me sento para comer. Assim que começo, Iracema aparece e me dá um beijo na bochecha antes de se sentar de frente para mim e perguntar:

- Dormiu bem?

- Sim, obrigada.

- Você vai almoçar em casa hoje ou vai sair para ver as coisas da mudança outra vez?

- Eu ainda não vi a agenda do meu celular, mas provavelmente vou ter que fazer alguma coisa na rua.

- E o que você quer que eu mande o Hugo preparar para o jantar?

- Qualquer coisa da minha dieta.

- Tudo bem.

Ela fica olhando para mim em silêncio.

- O que foi? – pergunto.

- Vou sentir saudade quando você se mudar. Acho que já estou até sentindo.

Estico a mão sobre a mesa e toco seu braço. Iracema sempre foi para mim o que minha mãe nunca quis ser.

- Você sabe que pode ir me visitar quando quiser, não sabe?

- Sei – ela enxuga as lágrimas que escorreram pela sua bochecha e eu me esforço para não chorar também. – Vou deixar você comer em paz. Qualquer coisa, é só me chamar.

- Obrigada, Iracema. Ah! A Ana vem passar o fim de semana aqui em casa. Prepare um dos quartos de hóspedes para ela, por favor.

- Pode deixar.

Ana é a minha melhor amiga e nós vamos morar juntas em outro apartamento aqui no Leblon. Como ela começou a trabalhar há pouco tempo, eu que estou escolhendo as coisas para a casa e resolvendo o que precisa ser resolvido. Ana e eu nos

conhecemos na faculdade. Ela entrou para estudar Publicidade um semestre depois de mim quando eu já conhecia nossas outras amigas: Alice, Clara e Giulia. Nós somos inseparáveis, apesar de elas me irritarem 100% do tempo em que estamos juntas.

Alice com certeza é a mais animada de todas nós. Ela está sempre de bem com a vida, nunca reclama de nada e está sempre disposta a ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa que nós sugerimos. Alice e eu já passamos por todo tipo de situação constrangedora que se pode imaginar, como quando fomos a uma festa com um “amigo” dela e fomos surpreendidos por um policial que bateu no vidro do carro enquanto o rapaz me beijava e Alice fazia sexo oral nele.

A Clara, eu não reconheço mais. Ela sempre foi divertida e aprontava junto comigo e com a Alice, mas desde que o canalha do Eric entrou na faculdade e eles começaram a namorar, ela mudou completamente.

“Eu deveria ter denunciado ele para a polícia naquela maldita calourada em que nos conhecemos!”

Giulia sempre foi a mais tranquila e mais centrada. Ela vai à igreja todos os domingos e tem o mesmo namorado desde sempre. Na verdade, eu não sei por que ela quis ser nossa amiga e continua saindo conosco até hoje.

Ligo meu celular para ver o que tenho programado para hoje e vejo que separei o dia para comprar os móveis da casa. É até melhor eu poder fazer isso sozinha. Se a Ana estivesse comigo, com certeza, iria reclamar do preço de tudo. Eu não pude falar para ela nem o valor real do aluguel, pois com certeza ela não aceitaria se mudar para lá.

Como não tenho muito tempo antes de ter que ir para a faculdade, termino de comer e tomo banho para sair. Vou até o shopping e escolho os móveis do meu quarto, da sala e da varanda, já que a cozinha é planejada e está equipada. Agendo com eles a data da entrega e anoto no celular que preciso contratar montadores assim que mudarmos.

Do shopping, vou direto para a faculdade e fico sentada no nosso ponto de encontro esperando as meninas chegarem. Ana é a primeira e já chega resmungando.

- O que foi? – pergunto.

- O idiota do Roberto.

- Mas você acabou de conhecer o cara, mal começaram a dormir juntos e já está chamando ele assim?

- Você sabe que ele está me tratando de um jeito ridículo a semana inteira. Eu não quero falar com ele! E agora ele não para de me ligar. Já me ligou 10 vezes desde que eu saí da empresa.

- E por que você não atende e diz isso para ele?

Ela fica em silêncio por alguns segundos.

- O que você fez hoje? – minha amiga muda completamente de assunto.

- Comprei os móveis do meu quarto – minto para ela não começar a perguntar o preço das coisas.

- Eu vou levar minhas coisas da casa da minha mãe. Já contratei um caminhão de mudanças.

- Que bom! Mal posso esperar para o grande dia.

- Nem eu!

Quando as outras meninas chegam, nós conversamos sobre as novidades e vamos para nossas aulas.

“Graças a Deus, nós já estamos quase nos formando e eu não vou ter que vir para cá todos os dias.”

Pensar nisso me faz lembrar que eu preciso arrumar um estágio urgentemente ou mandar meu pai conseguir com um dos amigos dele uma declaração de que eu fiz essa palhaçada na empresa de um deles.

Eu não sei para que fazer estágio. Eu não pretendo começar a trabalhar quando terminar a faculdade, então não vejo a necessidade de treinar para algo que eu não vou realmente fazer. Tentei convencer o coordenador do curso disso, mas ele não aceitou.

A verdade é que eu só comecei a fazer faculdade para continuar meus estudos e só continuo aqui até hoje por causa das meninas.

“Publicidade é muito chato!”

Quando nossas aulas terminam, nos encontramos no lugar de sempre, conversamos mais um pouco e cada uma segue seu caminho. Ana e eu vamos para o estacionamento onde meu motorista fica me esperando.

- Boa noite, dona Lívia. Boa noite, dona Ana.

- Pare com isso, João! – Ana dá um beijo na bochecha dele. – Eu já pedi um milhão de vezes para você me chamar só de Ana. Eu me sinto uma velha toda vez que você me chama assim.

- É verdade. Desculpe-me, Ana. – Ele diz sorrindo. – Para onde a senhora gostaria de ir, dona Lívia?

- Para casa. A Ana vai conosco.

- Tudo bem.

Nós entramos no carro, o telefone da Ana toca outra vez e eu pergunto:

- É ele de novo?

- É.

- O que você quer fazer no fim de semana? Acho que amanhã podemos ir à praia e depois sair para almoçar... O que você acha?

- Eu queria mesmo era dormir o dia inteiro. Estou muito cansada com essa história de trabalhar e depois vir para a faculdade. Mas eu posso dormir na praia. Seus pais estão em casa?

- Que piada é essa, Ana? Você sabe que eles nunca estão.

- Mas você disse que eles voltariam de Paris hoje.

- Minha mãe ligou avisando que eles vão ficar mais tempo lá.

- Entendi... E no domingo? Quer fazer o quê?

- Pensei de irmos ao shopping para comprar algumas coisas para o apartamento.

- Você não está comprando nada sem me avisar, não é?

“Fodeu...”

- Claro que não! Só as minhas coisas... Ou eu tenho que te pedir autorização para comprar o que eu vou colocar no meu quarto?

- Mas é muito mal-educada mesmo... – ela diz rindo.

- Você sabe que eu te amo e que esse é o meu jeito – dou um beijo em sua bochecha.

- Sei... Só não sei por que eu continuo falando com você.

- Porque você me ama também, ué!

Por causa do engarrafamento, chegamos em casa tarde e Ana diz que está cansada e não quer sair. Ela vai logo dormir e eu assisto a um filme até cair no sono.

Quando meu celular desperta na manhã seguinte, eu a acordo e a obrigo a ir à praia, mesmo que ela ainda esteja com sono. A porra do telefone dela não para de tocar um minuto e ela não atende.

- Por que você não atende logo de uma vez e acaba com esse sofrimento? Você quer falar com ele, Ana. Não adianta mentir para mim.

- Eu não quero coisa nenhuma – ela responde como uma criança de 5 anos.

- Então desliga a porra do telefone. Eu não aguento mais ouvir isso tocando.

Ana inventa desculpas absurdas para não desligar e eu vejo que ela está gostando dessa palhaçada.

Alguns minutos mais tarde, eu já estou pronta para atirar o telefone dela no mar. Ana resolve atender, pois não é o número do Roberto, mas na verdade é ele ligando do celular de outra pessoa.



“Bem feito!”

Tenho vontade de rolar de rir da cara dela, mas me controlo. Ana faz aquele cu doce de sempre no telefone. Eu o tomo da mão dela e digo ao Roberto onde nós estamos para que ele venha nos encontrar, pois ele também está na praia. Vejo-o se aproximando e ele está ainda mais bonito que no dia que a Ana nos obrigou a ir à Lapa para conhecê-lo. Ele tem uma tatuagem muito *sexy* no braço e eu certamente gostaria de dar para ele.

- Ele é ainda melhor sem roupa, Ana! Como que você não quer encontrar um homem desses?

- Ele é um idiota. Gostoso para caralho, mas idiota.

Reparo que ele conversa com o homem que caminha ao seu lado.

“Eu poderia dar para esse também...”

- E quem é aquele com ele?

- O Carlos Eduardo.

O homem é um espetáculo. O cabelo dele é loiro escuro ou castanho muito claro e dá para ver todos os músculos do seu corpo. Não consigo ver seus olhos por causa da distância, mas consigo ver o volume em sua sunga de praia branca.

“Eu poderia lambar ele todinho...”

- E esse é quem mesmo? – pergunto.

- O sócio – arregalo os olhos para ela, pois não faço ideia do que ela está falando.  
– O dominador, Lívia.

Eu me lembro vagamente de ela ter falado sobre isso assim que começou a trabalhar, mas ela fala tanta coisa que eu não consigo prestar muita atenção a tudo que ela diz.

O tal de Carlos Eduardo para e volta na direção de onde eles vieram enquanto o Roberto continua se aproximando de nós. Quando ele para ao nosso lado, aproveito para conversar com ele sobre sua tatuagem maravilhosa, mas Ana parece ficar com ciúme.

Eu nunca vi minha amiga com ciúme. Inclusive, nós costumávamos até a sair com o mesmo carinha. Em dias diferentes, é claro. E quando eu digo nós, quero dizer todas as meninas, menos a Giulia que é “café com leite”.

Resolvo deixá-los sozinhos para resolver essa merda e vou dar um mergulho. Quando volto, Ana não está mais lá. Verifico a hora no meu celular e vejo que tem uma mensagem de texto dela.

*Estou indo para o apartamento do Roberto, mas volto logo.*

“Danadinha!”

Sento-me na cadeira de praia, disposta a aproveitar o dia tranquilo, mas isso não dura nem uma hora e meu telefone começa a tocar.

- O que foi agora, Ana?

- O Roberto pediu para eu passar o dia aqui na casa dele e te convidou também. Ele tem uma piscina enorme, parecida com a da sua casa. Você quer vir? Ele está ligando para o Cadu para convidá-lo, mas não sei se ele virá.

- É claro que não. Eu tirei o dia para ficar na praia.

- Então eu vou voltar para aí para ficar com você.

- Não seja ridícula. Pode ficar aí com ele.

- Mas nós combinamos de ficar juntas. Eu não vou te deixar sozinha.

“Como se fosse fazer diferença... Até meus pais me deixaram sozinha a vida inteira.”

- Está bem, eu vou. Mas não vou ficar muito tempo. Não quero ficar segurando vela o resto do dia.

Ana fica em silêncio por alguns segundos e logo depois diz:

- O amigo dele vai vir também. Pronto. Ninguém vai segurar vela.

Saber que amigo gostoso vai me deixa animada.

- Está bem. Qual o endereço?

Ana me diz o lugar, eu junto minhas coisas e pago o aluguel das nossas cadeiras. No curto caminho até o apartamento, começo a pensar no tal Carlos Eduardo.

“Ele é gato demais, mas como funciona essa coisa de dominação? Será que é só sair batendo no parceiro? Porque uns tapinhas de leve na *hora H* eu até gosto...”

Assim que entro no apartamento do Roberto, Ana me leva para a varanda e nós entramos na piscina. Roberto me dá algumas dicas sobre tatuagens e isso só me faz querer uma mais ainda. Quando a campainha toca, ele diz:

- Com licença, deve ser o Cadu.

Roberto sai da piscina, Ana se aproxima de mim e pergunta:

- O que você quer fazer mais tarde?

- Não sei... Nós podemos sair para beber alguma coisa se você não quiser ficar aqui com ele. Vocês fizeram as pazes?

- Sim – ela diz sorrindo feito uma idiota.

Nesse instante, Roberto entra na varanda acompanhado pelo gostoso do amigo dele.

- Cadu, essa é a Livia – Roberto diz enquanto eles se aproximam da piscina.

- É um prazer conhecê-la – ele estica a mão para me cumprimentar.

- O prazer é meu. A Ana me contou sobre seu estilo de vida diferente e eu fiquei curiosa.

Ele cumprimenta a Ana, nós duas saímos e nos sentamos na beira da piscina enquanto eles se sentam nas espreguiçadeiras de frente para nós. Eu não consigo desviar meu olhar do Carlos Eduardo. Seus olhos são azuis e tão claros que dá para ver perfeitamente o desenho formado pela sua íris. Ele desvia o olhar do meu quando Roberto pergunta:

- E aí, você vai ficar com a sua submissa hoje?

“Como assim uma submissa? É a namorada dele?”

- Roberto – seu tom de voz é sério e eu sinto um arrepio na nuca.

- Ah, qual é! Todo mundo aqui sabe o que você faz, qual é o problema eu perguntar isso? – Roberto diz e essa é a minha deixa para saber mais sobre o assunto.

- E como você escolhe quem vai ser a sua submissa? É igual nos filmes com contrato e tudo mais? – pergunto.

Ao invés de responder o que eu perguntei, ele diz ao Roberto:

- O problema é que você abre espaço para outras pessoas perguntarem o que não é da conta delas.

- Nossa... Que ignorante... – digo à Ana antes que ele volte a olhar para mim.

- Na maioria das vezes, em clubes de *BDSM*. E não, eu não faço contratos. Ou você concorda com tudo ou não pode ter nada – Carlos Eduardo continua.

“Clube? E o que seria tudo?”

São tantas dúvidas que eu nem sei o que perguntar primeiro.

- E esse tipo de clube existe? – pergunto.

- Tanto existe que eu precisaria de alguns dedos da sua mão para somar todos que eu conheço.

Ele soa como se fosse uma ameaça, mas isso na verdade me excita. Instintivamente, tiro minhas mãos do meu colo e as escondo. Carlos Eduardo ri antes de continuar:

- Mais alguma pergunta?

- Não... Eu estou bem...

É claro que eu tenho mais um milhão de perguntas, mas acho melhor não insistir nisso agora. De todas as perguntas que passam pela minha cabeça, a única que eu não consigo deixar de lado é: O que eu preciso fazer para transar com ele?

Carlos Eduardo e Roberto começam a conversar e eu aproveito para analisá-lo. Seu corpo é realmente muito forte, parece que ele passa muitas horas do dia malhando. Sua postura está ereta. Mesmo que estejamos apenas conversando entre conhecidos, ele parece estar tratando de negócios. Suas mãos são grandes e parecem pesadas. Automaticamente, imagino ele me comendo e segurando meus seios com aquelas mãos.

“Será que ele tem que bater toda vez que faz sexo? Será que ele bate no rosto das submissas?”

- Ei! Eu estou falando com você! – Ana bate no meu joelho.

- Oi... Desculpe. Eu estava distraída.

- Estou vendo. Você acha legal colocar uma rede na varanda do nosso apartamento?

- E alguém aqui é índio, Ana? Claro que não! Fora que a varanda é muito pequena e não vai sobrar espaço para mesa e cadeiras.

- A varanda é pequena? É maior do que o meu quarto na casa da minha mãe.

- Sim, mas se você comparar com a varanda da casa da minha mãe, a do apartamento é minúscula.

- Lívia, você estuda com a Ana? – Carlos Eduardo me pergunta.

Ele fala meu nome com um tom tão sensual que eu tenho vontade de beijá-lo.

- Sim, nós estamos na mesma sala.

- E onde você trabalha?

- Eu não trabalho.

- Como você se sustenta?

- Com o dinheiro dos meus pais.

- Os pais dela são ricos – Ana diz. – Ela não precisa trabalhar.

- Entendi... – ele diz e simplesmente volta a falar de trabalho com o Roberto.

Tenho vontade de perguntar mais sobre sua vida, mas não o faço e volto a conversar só com a Ana. Algum tempo depois, a empregada vem até a varanda trazendo coisas para comermos e cervejas.

Nós nos sentamos à mesa para beliscar e eu vejo Carlos Eduardo olhando para mim enquanto Roberto fala com ele. Apenas sorrio, mas ele não sorri de volta. Seu olhar é tão quente que eu me sinto nua.

- Onde você mora, Lívia? – ele me pergunta interrompendo o que o Roberto dizia.

- Aqui no Leblon mesmo.

- E o que você faz o dia inteiro já que não trabalha?

“Mas de novo essa história de trabalho?”

- Faço compras, vou à academia, vou ao salão fazer as unhas... Essas coisas...

- Você não ajuda sua mãe com as coisas da casa?

Eu tento, mas não consigo evitar uma risada debochada.

- Meus pais nunca estão em casa. É como se eu morasse sozinha. E nós temos vários empregados para fazer as atividades domésticas. Eu não preciso fazer nada.

- Entendi...

Dessa vez não consigo controlar minha curiosidade e pergunto:

- Mas você não faz sexo normal, Cadu?

Ele fica em silêncio me encarando antes de dizer em um tom bem sério:

- Meu nome não é Cadu.

- Eu sei, é o seu apelido. O Roberto te chamou assim mais cedo.

- Sim, mas quase ninguém me chama assim. E é claro que eu faço sexo normal... Pouco, mas faço.

“Bom saber... Então não precisa bater toda vez... Ou ele faz sexo normal com outras pessoas e bate nas submissas?”

Ele se vira de frente para o Roberto como se fosse voltar a falar e antes que ele o faça, eu pergunto:

- E você faz sexo normal com as suas submissas?

- Lívia! – Ana grita dentro do meu ouvido e eu tenho vontade de socar a cara dela.

Antes que eu tenha tempo de reagir, Carlos Eduardo diz:

- Tudo bem, Ana Luiza.

Ele olha para mim e continua:

- Não.

“Então ele tem uma submissa e faz sexo casual com outras mulheres?”

Antes que eu consiga perguntar, Ana me dá um beliscão e diz bem séria:

- Eu juro que vou te jogar pela varanda se você continuar com isso.

- Mas ele disse que está tudo bem... – digo e dou um tapa em sua mão. – Cadu, você faz sexo normal com outras pessoas mesmo tendo uma submissa?

Ele respira fundo, passa calmamente a mão pelos cabelos e diz, olhando em meus olhos:

- Se você me chamar de Cadu outra vez, eu vou colocar você deitada sobre as minhas pernas, abaixar o seu biquíni e dar dez tapas na sua bunda. Na frente deles dois.

“Mas o quê?”

Ao mesmo tempo em que fico preocupada, sinto uma fisgada em meu ventre e os músculos da minha boceta se contraindo.

“Como eu posso estar excitada com essa merda?”

- Que tal se nós tomássemos banho e continuássemos na mureta da Urca? Vai ser ótimo ter mais pessoas a nossa volta – Roberto diz apressado.

Ana concorda e Cadu diz sem tirar os olhos dos meus.

- Por mim tudo bem.

Engulo a saliva com dificuldade e apenas balanço a cabeça concordando.

“Mas que homem é esse, meu Deus?”

Ele se levanta e começa a se vestir para ir embora. Eu visto minha saída de praia e coloco meu celular na bolsa.

- Eu encontro vocês lá – Carlos Eduardo diz e caminha em minha direção. – Você quer que eu te leve em casa?

- Não! É... eu preciso combinar umas coisas com a Ana antes. Pode ir... Eu moro aqui perto.

- Eu posso te esperar.

“Mas nem fodendo eu saio daqui com ele!”

- Obrigada... Não precisa mesmo. Eu vou sozinha.

- Já que você insiste...

Carlos Eduardo olha para mim de cima a baixo e eu vejo que ele está se divertindo porque eu estou com medo dele. Assim que os dois saem da varanda, Ana grita:

- Mas que diabos deu em você?

- Eu estava curiosa – digo ainda um pouco desnorreada.

Ana começa a reclamar e falar coisas aleatórias que eu realmente não presto atenção. Não consigo parar de pensar em como seria se o Carlos Eduardo me colocasse em seu colo e tirasse meu biquíni para me bater.

- ... Você acha que ele faria aquilo mesmo? – pergunto.

- Aquilo o quê?

- Me bater.

- Eu não sei, mas certamente eu pararia de provocá-lo se fosse você.

Minha respiração está acelerada. Por mais que eu saiba que ela está certa, algo dentro de mim quer saber e se envolver mais no mundo dele.

Vou para casa para tomar banho e me arrumar. Enquanto caminho até o apartamento dos meus pais, sinto como se o Carlos Eduardo ainda estivesse ali ao meu lado. Por vezes, até o procuro, mas claro que não o encontro, pois ele foi para casa e saiu do apartamento do Roberto antes de mim.

Chego em casa, peço para o motorista levar as coisas da Ana para ela e voltar para cá para me levar para a Urca. Arrumo-me o mais rápido que posso, tentando não parecer muito arrumada, e assim que estou pronta e vou para a sala, Cátia pergunta:

- Vai sair de novo, Dona Lívia?

Paro em frente à porta e olho para ela.

“O que será que há de errado com essa gente?”

- Eu acho que você já trabalha aqui há tempo suficiente para saber que eu não te devo satisfações da minha vida.

- Sim, senhora. Me desculpe.

Saio do apartamento e vou direto para a garagem. Entro no carro com um mau humor terrível e digo ao motorista para onde ele deve me levar. Chegando no lugar combinado, digo ao João que estacione perto dali e que me espere, pois eu posso querer ir embora a qualquer momento. Caminho por toda a extensão da mureta, que a essa hora já está cheia de gente para todos os lados, e encontro o Carlos Eduardo sentado sozinho falando no celular. Ele está lindo em uma bermuda cargo azul marinho e uma camisa social branca com as mangas enroladas até o cotovelo.

Quando ele me vê, se levanta e diz no telefone antes de desligar:

- Não, Mariana. Nos veremos no fim de semana que vem.

Cadu coloca o telefone no bolso e eu pergunto:

- Falando com a namoradinha?

Ele fecha um pouco os olhos, como se estivesse mirando os meus, e dá um leve sorriso.

- Achei que você não viria sozinha.

- Achou errado.

- O que você quer beber?

- Uma caipirinha de abacaxi e um *chopp*.

- Você sempre sabe o quer sem precisar pensar a respeito?

- Sempre – digo bem devagar.

Ele passa a mão pelos cabelos e se senta na mureta. Eu me sento ao seu lado. Cadu levanta o braço para chamar o garçom que está no bar do outro lado da rua. Alguns segundos depois, o homem se aproxima e diz:

- Sim?

- Uma caipirinha de abacaxi sem açúcar para a jovem – Carlos Eduardo diz e aponta para mim.

- Com açúcar. E um *chopp* também – digo.

O homem olha para o Cadu e ele diz:

- Só a caipirinha. E sem açúcar. Obrigado.

O garçom vira as costas e volta para o bar.

“Como assim?”

- É assim que você trata suas namoradas?

- Há alguns pequenos problemas com a sua pergunta. Primeiro, eu não tenho namoradas. Tenho uma submissa. Segundo, ainda que fosse o caso, você não é uma delas. E apenas para satisfazer a sua curiosidade, sim, é assim que eu trato as mulheres que estão sob a minha responsabilidade.

- Mandando na vida delas?

- Não. Indicando a melhor opção. Eu só mando, efetivamente, quando elas não aceitam a indicação.

“Outra vez aquela pressão em meu ventre...”

- E você faz isso apenas porque acha bacana mandar na vida dos outros ou tem alguma explicação lógica?

- Sempre tem uma explicação – ele diz, bebe seu *chopp* e não continua.



- E qual seria?

- Lívia, a verdade é que eu não preciso explicar. A pessoa faz e pronto. Mas eu vou te ajudar aqui. No caso da caipirinha, por exemplo... Cachaça é feita de cana-de-açúcar então cada vez que você adiciona mais açúcar, você está saturando o seu corpo com ele e para desenvolver uma diabetes no futuro é um pulo. E você não pede duas bebidas ao mesmo tempo porque uma delas certamente vai esquentar. Se você terminar sua caipirinha e quiser um *chopp*, eu pedirei um para você com prazer.

“Porra! Ele pensou tudo isso no segundo que eu disse o que queria?”

- Faz sentido.

Carlos Eduardo apenas sorri. O garçom volta com a minha bebida e assim que provo, digo:

- Mas fica horrível sem açúcar!

- Você vai se acostumar.

O celular dele toca, ele o tira do bolso, vê quem é e cancela a chamada.

- Você trabalha com o Roberto, não é?

- Se você acha que o Roberto trabalha, então sim.

Dou uma gargalhada. A Ana já tinha me dito que o Roberto não gosta de trabalhar, embora ele esteja melhorando, na opinião dela.

- E o que você faz na empresa?

- Eu desenvolvo projetos de Publicidade para alguns clientes específicos.

- Mas a Ana me disse que você é o dono da empresa.

- Sim, mas eu gosto de trabalhar e não ficar apenas na área burocrática.

- Então a empresa é sua e do Roberto?

- Não. A empresa é minha e do pai do Roberto.

- E como isso é possível? Ele não é muito mais velho que você? Como vocês começaram um negócio juntos?

- O *Robert* já tinha a empresa nos Estados Unidos. Ele veio para o Brasil e se apaixonou pela mãe do Roberto, que conhecia meu pai. Como não é tão fácil quanto parece trazer uma empresa internacional para cá, o *Robert* se juntou ao meu pai para facilitar a documentação. Com o tempo, meu pai comprou parte da empresa nos Estados Unidos também.

- E por que você está no lugar do seu pai?

- Ele resolveu aproveitar a vida e passou tudo para o meu nome. Minha mãe e ele estão aposentados e viajando pelo mundo há muitos anos.

- Meus pais também viajam muito...

“Será que a família dele também não se importa com ele? Será que foi por isso que ele virou dominador?”

Ana e Roberto aparecem justamente na hora que eu ia perguntar.

“Mas que inferno!”

- Está tudo bem por aqui? – Ana pergunta.

- Claro! Você acha que eu como jovencinhas indefesas igual ao lobo mau? – Cadu diz com um sorriso debochado no rosto.

“Tomara que sim, meu Deus!”

Ana não acha o comentário engraçado e dá um sorriso sem graça.

- O que vocês estão bebendo? – Roberto pergunta e nós levantamos nossos copos.

Roberto pergunta à Ana o que ela quer e atravessa a rua para ir buscar.

- Sobre o que vocês estavam conversando? – Ana pergunta.

- Sobre a família do Cadu – digo.

- Legal! Você tem irmãos, Carlos Eduardo? – ela pergunta.

- Não. Sou filho único.

- Eu tenho um irmão mais velho que eu. A Lívia é filha única também.

- Ele estava me contando que os pais viajam pelo mundo todo – digo. – E quem tomava conta de você quando você era criança?

- Minha mãe. É claro que ela tinha babás que ajudavam, mas ela estava comigo o tempo todo e meu pai sempre que podia.

- E quando eles começaram a viajar então?

- Deve ter uns dez anos.

- Ah... Eu pensei que seu caso fosse parecido com o meu...

- E qual é o seu caso?

- Eu fui criada pela Iracema, empregada da minha mãe desde sempre. Meu pai nunca estavam em casa, mas sempre me deram tudo que eu precisava, mesmo a distância.

- E como se cria um filho à distância? – ele pergunta como se o que eu acabei de dizer fosse um absurdo.

- Assim – aponto para mim mesma e sorrio.

Carlos Eduardo não diz mais nada e Roberto volta com as bebidas. Roberto nos conta um pouco sobre sua juventude nos Estados Unidos e Cadu diz:

- A vida de todo mundo piorou quando ele resolveu voltar e passar a dar trabalho aqui.

- Você é um ridículo, sabia? – Roberto diz.

- Sabia. Na verdade, Roberto e eu éramos melhores amigos antes de eles se mudarem para os Estados Unidos. Nós brincávamos juntos o dia inteiro, viajavamos juntos, éramos inseparáveis, mas ele não se lembra de nada disso. Aí, ele cresceu e começou a me dar mais problemas do que alegrias.

Cadu diz rindo e Roberto mostra o dedo do meio para ele.

- Quantos anos você tem, Cadu? – pergunto.

- Você está brincando com fogo, menina...

“E eu definitivamente quero me queimar!”

Ele faz uma pequena pausa antes de continuar:

- Trinta e cinco e você? Eu sei que a Ana Luiza tem 21.

- Eu tenho 22. Então você já era grandinho quando o Roberto nasceu, por isso você se lembra.

- Exatamente.

Nós passamos o resto da tarde conversando e bebendo sentados na mureta. Cadu conta mais sobre sua família, Ana e Roberto sobre a deles e eu fico com vergonha por não ter o que falar sobre o minha. Horas depois, digo:

- Porra, eu estou morrendo de fome outra vez.

- Esse é o décimo palavrão que você fala em meia hora. Você não sabe se comportar, senhorita boca suja? – Carlos Eduardo diz.

- Ui! Me desculpe, senhor dominador. Eu não sabia que era proibido falar palavrões na sua presença.

Sempre que as coisas começam a esquentar, Ana ou Roberto mudam de assunto. Dessa vez, Roberto sugere que mudemos de bar para comer alguma coisa, mas tanto Cadu quanto eu preferimos continuar onde estamos e ir para o andar do restaurante. O garçom traz os cardápios e nós pedimos mais bebidas. Decido continuar provocando o Carlos Eduardo e pergunto:

- Eu posso escolher o que vou comer ou você vai fazer isso por mim, Cadu?

Ana arregala os olhos para mim e eu tenho certeza que seu estivesse ao lado dela, ela me daria um beliscão.

- Se você fosse minha submissa, com certeza eu faria, mas como eu te disse antes... – ele faz uma pequena pausa e sussurra em meu ouvido – Não é o caso.

Sinto calafrios por todo o meu corpo e me afasto um pouco.

- Então, Roberto... Como a Ana está se saindo no trabalho? – pergunto para mudar o assunto e me acalmar um pouco.

- Ela está indo muito bem, mas ela trabalha muito mais com o Cadu do que comigo. Eu estou tentando retomar meu trabalho sozinho.

- Retomar? – Cadu pergunta. – E quando foi que você começou? Para retomar alguma coisa você tem que ter começado e parado. O que não é exatamente o seu caso.

Roberto olha para Ana e diz:

- Eu sinceramente não sei porque eu falo com ele até hoje...

- Mas – Cadu diz – eu tenho que admitir que a apresentação do seu projeto foi excelente e que eu sempre soube que você seria um dos melhores dentro da empresa, caso decidisse realmente se dedicar.

- Obrigado – Roberto responde sorrindo. – E quando o apartamento de vocês fica pronto?

- Nós mudaremos no fim de semana que vem – respondo.

- A Ana me disse que você e as outras meninas confirmaram presença na festa da empresa no sábado – ele continua.

- Sim. Elas estão animadíssimas. É a primeira festa desse tipo que elas vão.

- E você não? – Cadu me pergunta.

- Não... Eu já até perdi as contas de quantas delas fui obrigada a ir por causa dos meus pais.

O garçom finalmente aparece e pergunta:

- O que vocês vão querer?

- Bacalhau na Cataplana – Cadu e eu falamos ao mesmo tempo.

Nós nos olhamos e sorrimos um para o outro.

- Vocês vão querer dois ou vão dividir? Um dá muito bem para duas pessoas.

Sem perguntar minha opinião, Cadu responde:

- Vamos dividir.

É claro que eu sei o tamanho da porção e que eu não conseguiria comer nem 1/3 dela sozinha, mas mesmo assim, eu pergunto:

- E se eu quiser comer tudo sozinha?

- Você não vai conseguir.

Simplesmente isso... Nenhuma explicação. Decido entrar no jogo dele e ver até onde ele vai.

- Está bem.

Ele olha para mim surpreso, mas não me diz nada, apenas pede a garrafa do vinho que ele acha adequado para acompanhar o prato. Olho para Ana e vejo que ela olha para mim de boca aberta.

“Nem eu mesma estou acreditando...”

Nós continuamos conversando até a comida chegar e assim que o garçom pega o meu prato para me servir, Cadu diz:

- Pode deixar que eu faço isso. Obrigado.

“Vinte e dois anos e nem minha mãe colocou comida no meu prato...”

Eu apenas sorrio e observo. É claro que ele coloca o que ele acha que eu devo comer, mas eu não digo nada. Quando ele coloca o prato na minha frente, digo:

- Obrigada.

Carlos Eduardo fica olhando para mim como se esperasse que eu dissesse mais alguma coisa, mas eu não sei o quê. Ele coloca comida em seu prato enquanto Ana e Roberto fazem o mesmo com a comida deles.

Assim que começamos a comer, Roberto estica seu garfo sobre a mesa e antes que ele tenha tempo de terminar o que ia fazer, Cadu diz:

- Nem pense nisso, Roberto.

- Mas você está dividindo a comida com ela – ele aponta para mim. – Por que eu não posso experimentar?

- Você está vendo o garfo dela no meu prato ou dentro da Cataplana? Não, então não venha colocar seu garfo cheio de saliva aqui.

Eu concordo plenamente com a atitude do Cadu. Tenho vontade de morrer quando as meninas começam com a nojeira de dividir sanduíches ou beber no mesmo copo.

- Mas é muita palhaçada, viu? Posso pegar com outro garfo então? – Roberto pergunta

- Da Cataplana, sim. Do meu prato, não.

Quando terminamos de comer e o garçom recolhe os pratos, Roberto diz alguma coisa no ouvido da Ana e ela responde:

- Mas eu combinei de dormir na casa da Livia.

Eu, rapidamente, digo que ela pode ir para a casa dele sem se preocupar.

“Agora eu tenho outros planos...”

Cadu olha para mim e concorda com o que eu disse apenas balançando levemente a cabeça.

- Então, vamos pedir a conta e vamos embora – Roberto diz.

- Não! Vocês podem ir, nós ainda estamos bebendo – Cadu responde.

Eu continuo em silêncio até a Ana me perguntar se eu vou embora com eles.

- Não... Podem ir... Eu vou para casa depois. Meu motorista está me esperando – respondo.

- Tem certeza? – minha amiga insiste.

- Tenho. Eu vou terminar de beber com o Carlos Eduardo.

Olho para ele, que não se move, mas seu lábio se abre em um pequeno sorriso no canto esquerdo.

“Isso!”

# Capítulo 2

*“Every breath you take, every move you make, every bond you break, every step you take, I'll be watching you. Every single day, every word you say, every game you play, every night you stay, I'll be watching you. Oh, can't you see? You belong to me...”*

*“Cada vez que você respira, cada movimento que você faz, cada laço que você rompe, cada passo que você dá, eu estarei observando você. Todos os dias, toda palavra que você disser, todo jogo que você jogar, toda noite que você ficar, eu estarei observando você. Oh, você não pode ver? Você pertence a mim...”*

*Every breath you take – The Police*



Dominação não é distúrbio de caráter, não é trauma de infância e não é um conto de fadas onde a mocinha transforma o dominador em príncipe encantado. Dominação é preferência sexual. E ponto.

Tenho 35 anos e desde menino eu sempre gostei de cordas, algemas e chicotes. Conforme os anos foram passando, eu descobri que essas coisas podem ser usadas de formas diversas. E descobri também que muitas outras coisas podem ser usadas para causar dor e prazer. Os dois estão definitivamente conectados.

Minhas primeiras experiências sexuais foram convencionais, mas eu sempre soube que faltava alguma coisa. Claro que na minha adolescência eu descobri pela Internet que esse mundo existia e, desse dia em diante, eu soube o que queria para mim.

Quando você é um menino e faz sexo com suas colegas de classe, dificilmente você vai encontrar uma jovem de 16 anos que queira ter suas pernas amarradas ao próprio corpo enquanto vocês estão nas preliminares. Eu juro que perguntei algumas vezes, mas nenhuma delas quis. Por isso, eu passei a frequentar clubes onde as pessoas eram mais abertas a esse tipo de relação. E lá eu conheci todas as submissas que tive até hoje.

Depois que terminei a faculdade, meus pais começaram a me cobrar uma namorada, pois da última vez que eu apresentei uma a eles, eu estava no Ensino Médio. Eu não me vejo tendo um relacionamento desse tipo outra vez. O que eu tenho com as minhas submissas é muito mais profundo do que simplesmente caminhar de mãos dadas e ir ao cinema. Elas pertencem a mim e eu tomo conta delas. E, de certa forma, elas fazem o mesmo por mim.



Enquanto corro pela praia, planejo o que vou fazer mais tarde quando a Mariana voltar para minha casa. Mariana é minha submissa há dois anos e nós nos damos muito bem. Ela passa grande parte da semana trabalhando e comandando 25 funcionários na empresa onde ela é a diretora. Os fins de semana, ela passa amarrada à minha cama. Eu juro que faço isso mais por ela do que por mim. Por mim, nós poderíamos sair juntos para jantar ou algo do tipo, mas ela se sente mais segura dessa forma e quem sou eu



para negar o que ela precisa. Mariana costuma dizer que na rua ela precisa fingir que é forte e estar sempre no comando, enquanto na minha cama ela pode ser ela mesma.

Assim que termino meus exercícios, paro para tomar uma água de coco e ligo para o Roberto, que combinou de vir me encontrar na praia e está atrasado. Roberto é meu amigo desde sempre, por mais que tenhamos passado muitos anos afastados depois que a mãe dele morreu e ele mudou com o pai para *Los Angeles*. Ele é um *bon vivant* incurável e acho que nunca vai ter responsabilidade com nada na vida. A última dele é estar comendo sua assistente, mesmo sendo casado nos Estados Unidos.

- Levanta preguiçoso. Eu já estou te esperando – digo.

- Você já correu e fez aqueles milhares de exercícios que você faz?

- Já.

- Está bem... Estou indo.

Pelo menos ele mora aqui perto e não vai demorar. Nós trabalhamos juntos, jogamos futebol juntos e saímos para jantar algumas vezes durante a semana também. De todos os meus amigos, ele é o que eu tenho mais contato.

Dez minutos depois, ele aparece, joga suas coisas na areia ao meu lado e diz:

- Não fala comigo que eu ainda estou dormindo.

Ele vai até o mar, mas volta logo depois e se senta ao meu lado.

- Acordou? – pergunto.

- Sim. Me empresta seu telefone?

- Claro.

Ele fala frases sem sentido para a pessoa do outro lado da linha.

- O que houve? – pergunto assim que ele desliga e me devolve o telefone.

- A Ana não atendeu meu número.

- Roberto...

“Ele está procurando problemas saindo com essa menina...”

- Depois, Cadu. Ajude-me a procurá-la. Ela está perto do mar em algum lugar aqui. Ela está com uma amiga.

- Está bem.

Nós caminhamos pela areia e pouco tempo depois eu a avisto com uma mulher de cabelos loiros ao seu lado.

- Ali – aponto.

- Você quer vir comigo? Quer conhecer a amiga dela?

- Não, obrigado. Quando você terminar essa palhaçada, você sabe onde me encontrar.

“Era só o que me faltava!”

Volto para o lugar onde eu estava e me sento na areia outra vez. Pouco tempo depois, meu telefone toca e eu vejo que é a Mariana me ligando.

- Pode falar, Mariana.

- Espero que o senhor esteja tendo um bom dia. Desculpe-me ligar sem o senhor ter mandado. Eu gostaria de saber se devo voltar para sua casa quando sair do trabalho.

- Sim. Você pode chegar às 17h.

- O senhor quer que eu leve alguma coisa?

- Não. Tenho tudo que precisaremos.

- Estou ansiosa para a nossa sessão, senhor.

Desligo a chamada e volto a planejar o que farei com ela mais tarde.

Quase uma hora depois, meu telefone volta a tocar. Dessa vez é o Roberto.

- Se liga – ele diz –, eu não vou voltar para a praia. Você quer subir e passar o dia na piscina comigo e com a Ana? A amiga dela está vindo também.

- A Rute está aí?

- Sim, por quê?

- Porque você não sabe receber convidados, Roberto. Você é capaz de passar o dia inteiro sem comer nem beber nada e, o pior, sem oferecer nada para as pessoas que estão com você. Se a Rute está aí, eu vou.

- Você é inacreditável, Cadu! Às vezes, eu acho que você escolheu ter submissas e não namoradas porque você já sabia que ninguém conseguiria te aturar mais de 3 dias seguidos...

- Eu juro que estou rindo por dentro – digo sério. – Já estou indo.

Desligo e junto minhas coisas para ir para o apartamento dele. Chegando lá, Roberto abre a porta para mim e nós vamos direto para a varanda. Ana está dentro da piscina com a amiga, que é muito bonita, mas muito magra para o meu gosto. Seus cabelos são loiros, praticamente da mesma cor dos meus, mas seus olhos são castanhos claros enquanto os meus são azuis.

Roberto nos apresenta e a garota simplesmente menciona a minha preferência sexual na minha cara e na frente dos dois sem o menor pudor.

“Será que ela tem algum problema mental?”

Para piorar tudo, Roberto menciona minha submissa e abre espaço para a sem-não começar a fazer perguntas indiscretas e desnecessárias. A cada pergunta que eu respondo, sua respiração se altera um pouco e eu conheço muito bem essa reação.

“Ela está ficando excitada!”

Quando eu digo que precisaria dos dedos dela para contar todos os clubes de *BDSM* que conheço e ela esconde as mãos, eu também fico excitado por ter causado essa reação nela.

“Se ela estivesse amarrada à minha cruz de santo André, ela não teria como esconder as mãos...”

Depois disso, ela para com as perguntas indiscretas, mas por pouco tempo. Roberto me conta como está indo seu projeto e eu confesso que não presto muita atenção, pois não consigo tirar os olhos da Lívia. Ela com certeza não se parece em nada com a Mariana, minha atual submissa, e aos poucos, conforme a vejo conversando com a amiga, percebo que nem um fio de cabelo dela é submisso.

“Certamente não é o tipo de mulher para mim...”

Em algum momento, ela se levanta da espreguiçadeira onde está sentada, vai até a piscina, se abaixa para molhar as mãos e as passa pelo rosto. Sua bunda fica empinada e o biquíni entra levemente dentro dela. Fico pensando em como seria bom amarrá-la e fazer vários nós perfeitos tocarem os pontos exatos em seu corpo para ela saber o que é sentir prazer de verdade.

Automaticamente, começo a fazer perguntas sobre sua vida e descubro que a família dela é rica e que ela não trabalha.

“Isso é perfeito em uma submissa! Uma pena que ela não seja uma...”

Eu simplesmente não consigo parar de fazer perguntas sobre a vida dela. Lívia parece relaxar um pouco depois da história dos dedos e pergunta:

- Mas você não faz sexo normal, Cadu?

Minha vontade é colocá-la de quatro e bater nela com minhas próprias mãos, o que não é meu tipo de punição preferida. Eu simplesmente odeio quando me chamam de Cadu e todo mundo sabe disso. Pouquíssimas pessoas me chamam assim e certamente nenhuma delas é uma das submissas que eu já tive.

- Meu nome não é Cadu.

- Eu sei, é o seu apelido. O Roberto te chamou assim mais cedo.

“Sempre o Roberto...”

- Sim, mas quase ninguém me chama assim. E é claro que eu faço sexo normal... Pouco, mas faço.

Na verdade, eu não faço sexo “normal” há muitos anos e não é algo que eu sinta falta.

“Mas por que eu não disse isso a ela?”

Parece que minha boca responde, sem que eu queira, o que minha mente acha que vai agradá-la.

- E você faz sexo normal com as suas submissas?

Ana chama a atenção da amiga por estar fazendo perguntas indiscretas, mas por incrível que pareça, não está me incomodando. A forma que o corpo dela reage a cada nova informação que eu dou me deixa intrigado e eu quero ver até onde ela vai. Digo à Ana Luiza que não se preocupe e penso por alguns segundos no que Livia me perguntou.

“Com certeza eu nunca fiz sexo convencional com nenhuma das minhas submissas.”

- Não – respondo.

As duas voltam a se bater como se tivessem 10 anos de idade e Livia faz outra pergunta:

- Cadu, você faz sexo normal com outras pessoas mesmo tendo uma submissa?

“Ela está me tirando do sério me chamando desse jeito...”

- Se você me chamar de Cadu outra vez, eu vou colocar você deitada sobre as minhas pernas, abaixar o seu biquíni e dar dez tapas na sua bunda.

Quando ela arregala os olhos para mim, percebo que exagerei outra vez e para tentar amenizar digo, brincando:

- Na frente deles dois.

Todos ficam em um silêncio constrangedor e ao invés de desviar o olhar, Livia continua me encarando.

“Ela seria uma péssima submissa...”

- Que tal se nós tomássemos banho e continuássemos na mureta da Urca? Vai ser ótimo ter mais pessoas a nossa volta – Roberto se levanta e diz.

Tenho vontade de rir, mas me controlo. Digo a ele que podemos ir e começo a me vestir para passar no meu apartamento e buscar meu carro. Quando Livia coloca um lindo vestido longo e branco por cima do seu biquíni, vejo o tecido escorregando por seu corpo e decido que ela vai ser minha.

Aproximo-me dela e pergunto:

- Você quer que eu te leve em casa?

- Não! É... eu preciso combinar umas coisas com a Ana antes. Pode ir... Eu moro aqui perto.

Ela diz assustada e sem olhar para mim.

“Assim que eu gosto!”

- Eu posso te esperar.

- Obrigada... Não precisa mesmo. Eu vou sozinha.

- Já que você insiste...

Dou uma boa olhada em todo seu corpo delicado e entro no apartamento com Roberto, deixando as duas na varanda.

- Está tudo bem? – Roberto me pergunta enquanto caminhamos até a porta.

- Sim. Por quê?

- Você está esquisito...

- Como assim?

- Não sei... Tipo agindo como uma pessoa normal...

- Não fode, Roberto. Que horas vocês vão para Urca?

- Agora. Vamos só tomar um banho, quem sabe uma rapidinha e estaremos lá.

Tenho certeza que revirei meus olhos.

“Como pode ser tão imaturo?”

- Está bem. Estarei em frente ao *Bar Urca*.

- Até mais tarde.

- Até.

Antes que ele feche a porta, vejo Livia e Ana entrando no apartamento e decido esperar para ver onde ela mora. Saio do prédio e espero na sombra de uma árvore ela sair também.

Livia aparece instantes depois e eu a acompanho à distância. Algumas quadras depois, ela entra em um dos prédios mais caros do Leblon e eu faço o caminho para minha casa. Enquanto tomo banho, penso no que dizer à Mariana.

Eu não deveria estar fazendo isso, mas quando eu penso na Livia e naquele biquíni dourado entrando em sua bunda, sinto a necessidade de tocá-la e vê-la gozando para mim. Por mais que eu saiba que não vou poder amarrá-la, nem vendá-la, nem bater nela até ver sua lubrificação escorrendo por suas pernas...

“Eu preciso parar de pensar nisso.”

Sexo convencional é bom também, mas não tão bom. Se bem que as mulheres hoje em dia estão mais adeptas à algemas e chicotes de mentira...

“Será que ela me deixaria algemá-la?”

Enquanto tomo banho e me arrumo, penso em coisas que viraram modinha e todo mundo passou a achar natural. Seleciono mentalmente qual delas eu poderia adaptar com o material que tenho aqui, pois eu vou trazê-la para minha casa hoje à noite com certeza.

No caminho para Urca, verifico umas vinte vezes a hora para ver se a reunião da Mariana já acabou para ligar para ela. Eu entendo que fora da minha casa, ela tem uma vida e uma carreira e que eu não posso simplesmente arruiná-la, já que não pretendo passar o resto da minha vida com ela.

Chego ao local que combinei com Roberto, peço um *chopp* e me sento na mureta para esperar por ele, que com certeza vai se atrasar como sempre. Quando vejo que já passou o horário da reunião, ligo para Mariana. Ela atende, mas fica em silêncio. Esse é o nosso código para quando ela está perto de alguém e não pode se dirigir a mim da forma correta.

- Ligue de volta assim que puder – digo e desligo a chamada.

Menos de dois minutos depois, ela me liga:

- Me perdoe, senhor. Eu retornei o mais rápido que pude.

- Liguei para avisar que estou cancelando o nosso encontro desse fim de semana.

- Eu entendo, senhor. Eu fiz algo errado?

- Não, só surgiram outros assuntos que eu tenho que resolver.

Vejo Lívia se aproximando em um vestido tomara-que-caia tão curto que minha vontade é mandá-la voltar para casa e trocar de roupa.

- Eu posso ficar na sua casa esperando o senhor terminar o que precisa fazer.

- Não, Mariana. Nos veremos no fim de semana que vem – acabo sendo ríspido quando o meu problema não é ela e sim a porra do vestido quase inexistente.

Desligo, guardo o telefone e Lívia consegue piorar ainda mais o meu humor quando pergunta:

- Falando com a namoradinha?

“Ela não vai me tirar do sério... Eu não vou fazer uma cena no meio da rua...”

Resolvo provocá-la e digo:

- Achei que você não viria sozinha.

- Achou errado.

Agora ela está muito mais confiante do que quando eu disse que a colocaria sobre as minhas pernas.

“Preciso mudar isso.”

Passo a agir como faria se estivesse na mesma situação com uma das minhas submissas, mas sempre deixando claro que ela não é uma delas.

A tarde corre bem. Mariana me liga algumas vezes, mas eu nem atendo, pois não tolero esse tipo de coisa. Se eu disse não, é não. Roberto e Ana chegam atrasados e com o comportamento deles em público, só na cabeça desses dois ninguém vai perceber que eles estão tendo um caso.

Nós conversamos sobre nossos trabalhos, nossas famílias e nossas vidas em geral. Eu me sinto tranquilo e interessado nas coisas que a Lívia conta, principalmente quando ela diz que foi criada “à distância” pelos pais. Por mais que ela diga isso sorrindo, vejo tristeza em seus olhos. Resolvo não insistir nesse assunto para não magoá-la e estragar meus planos para mais tarde.

O dia passa e a cada minuto eu tenho certeza de que Lívia nunca será uma submissa. Por mais que eu a ameace, ela continua me chamando de Cadu. Por mais que eu chame sua atenção, ela continua falando palavrões desnecessários o tempo todo. Eu começo a pensar se é uma boa ideia levá-la para minha casa para passar apenas uma noite de sexo convencional com ela.

Quando Lívia diz que está com fome, subimos para o restaurante e sentamos lado a lado. Assim que nos acomodamos, ela pergunta:

- Eu posso escolher o que vou comer ou você vai fazer isso por mim, Cadu?

- Se você fosse minha submissa com certeza eu faria, mas como eu te disse antes, não é o caso.

Lívia suspira e se afasta de mim.

“Com certeza é uma boa ideia passar uma noite com ela...”

Eu continuo mudando de opinião sobre isso a cada dois segundos e só tenho certeza absoluta do que devo fazer quando nós pedimos o mesmo prato e o garçom pergunta se iremos dividi-lo. Eu respondo que sim e ela me questiona:

- E se eu quiser comer tudo sozinha?

- Você não vai conseguir – digo.

Por incrível que pareça ela não discute comigo e apenas concorda. Olho para ela e Lívia desvia o olhar e abaixa a cabeça. Não sei por que ela resolveu agir assim, mas isso me agrada. E muito!

Decido voltar a agir como agiria com uma das minhas submissas para ver como ela se comporta. Assim que a comida chega, eu mesmo a sirvo e ela apenas diz:

- Obrigada.

“Senhor... Ficou faltando o “senhor”.”

Mas é claro que ela não diz e eu não posso corrigi-la.

Óbvio que como em todas as vezes que eu como com o Roberto, ele tenta comer a comida do meu prato e nós discutimos por isso. Eu realmente não sei de onde ele tirou esse hábito nojentos e insuportável.

Lívia passa praticamente o jantar inteiro em silêncio, com as mãos no colo quando não as está usando, e de cabeça baixa. Quando Roberto diz que quer ir embora, Lívia libera a amiga para passar a noite com ele e sorri para mim. Isso é o suficiente para eu entender o que ela realmente quer. Roberto, apressado como um coelho no cio, diz:

- Então, vamos pedir a conta e vamos embora.

- Não! Vocês podem ir, nós ainda estamos bebendo – digo.

Essa é a pior desculpa que usei em toda a minha vida, mas foi a primeira que me passou na cabeça. Lívia diz que também vai ficar e quando Ana pergunta, preocupada, se ela tem certeza, Lívia diz:

- Tenho. Eu vou terminar de beber com o Carlos Eduardo.

É a primeira vez que ela fala meu nome completo. Tento não expressar o que estou sentindo, mas não consigo deixar de sorrir. Roberto e Ana vão embora e nós continuamos no restaurante. Lívia permanece em silêncio e de cabeça baixa.

- O que houve? – pergunto. – Por que você está assim?

- É a primeira vez na minha vida que eu quero algo e não tenho coragem de dizer. Eu não sei como me comportar perto de você.

- E o que você quer?

Ela sorri, abaixa a cabeça outra vez, pega sua taça e não diz mais nada. Levanto seu rosto e ela olha em meus olhos.

- Eu vou te dizer o que eu quero, está bem? – Lívia balança a cabeça concordando. – Eu quero te levar para minha casa, te colocar de joelhos na minha cama e amarrar seu corpo desde seus pulsos até seus tornozelos.

Lívia arregala os olhos para mim e sua respiração acelera. Eu continuo:

- Você sabe o que é *Shibari*? – ela nega balançando a cabeça. – É uma técnica japonesa de *bondage* onde você usa a corda e os nós que você dá nela para estimular pontos de prazer ou dor da pessoa que está sendo amarrada.

- Você faz isso com as suas submissas?

- Sim.



- E como se faz isso?

- Depende do efeito que você quer causar. Eu gostaria de amarrar seus braços juntos para o alto e prendê-los na cabeceira da minha cama. Depois, eu passaria a corda esticada pelos seus mamilos e desceria fazendo lindos nós pela sua cintura e barriga. Quando eu passasse por seu ventre, deixaria a corda esticada dos dois lados da sua vagina e assim seu clitóris estaria sendo constantemente pressionado. E por fim, eu desceria a corda por suas pernas fazendo vários outros nós perfeitos só para você ficar ainda mais linda.

- E depois que eu estivesse amarrada? O que você faria?

- Eu foderia você até ficar cansado – sussurro em seu ouvido.

Lívia segura minha cabeça e me beija ferozmente. Seu beijo é tenso e ela esfrega a língua na minha com desespero. Eu retribuo e a seguro pela cintura. Pouco tempo depois, ela se afasta e com os lábios encostados aos meus, diz:

- Eu quero.

- Quer o quê?

- Que você me amarre.

Afasto-me um pouco.

- Isso não pode acontecer, Lívia.

- Por que não?

- Primeiro, porque nós bebemos muito. Segundo, porque você não está pronta para esse nível de submissão e terceiro, porque eu já tenho um compromisso com outra mulher.

- Eu não me importo com nada disso.

- Mas eu me importo e não vai acontecer.

Lívia me beija outra vez. Ela coloca a mão na minha perna e lentamente a move em direção a minha ereção. Antes de se afastar, ela passa a mão pelo meu pau.

- Me leva para sua casa. Eu quero que você me foda mesmo que não seja amarrada.

Por mais que minha cabeça me diga que isso não é o correto a se fazer, meu pau diz justamente o contrário e, no momento, eu só consigo pensar com ele.

Pago a conta e nós saímos do restaurante. Caminhamos em silêncio até o meu carro e assim que entramos e fechamos as portas, pergunto:

- Você tem certeza que quer ir para minha casa?

- Carlos Eduardo, você vai me comer hoje. Isso vai acontecer daqui a pouco na sua casa ou agora mesmo no seu carro. O que você prefere?

- Na minha casa.

Eu, normalmente, não tolero esse tipo de comportamento, mas meu pau está tão duro que eu não me importo. Dirijo até meu apartamento em silêncio e assim que entro na garagem do prédio, digo:

- É sua última chance. Você tem certeza?

Lívia não responde. Ela se senta em meu colo, de pernas abertas de frente para mim e me beija mais uma vez. Lívia roça sua boceta em meu membro, deixando-o ainda mais duro, se é que isso é possível. Eu a levanto, a coloco sentada no assento que ela estava e digo.

- Tudo bem. Eu entendi. Vamos.

Saio do carro e abro a porta para ela sair também. Subimos em silêncio até o meu andar, eu abro a porta e a deixo entrar. Acendo as luzes e coloco as chaves sobre o aparador.

- Você quer beber alguma coisa? Quer perguntar alguma coisa? Como você está se sentindo?

- Estou bem. E sim, eu poderia beber alguma coisa enquanto tiro minhas dúvidas.

- Fique à vontade. Eu vou buscar uma garrafa de vinho.

Vou até a cozinha, pego uma garrafa do mesmo vinho que estávamos tomando no restaurante, o abridor e duas taças. Volto para sala e Lívia está sentada no sofá. Abro a garrafa e nos sirvo. Lívia bebe um gole longo antes de perguntar:

- Você vai me bater?

“Chega a ser engraçado...”

- Claro que não.

- Nem se eu pedir?

- Não.

- O que nós vamos fazer então?

- Sexo. E eu espero que você já tenha feito antes porque se não, nem isso vai acontecer.

- É óbvio que eu já fiz sexo!

- Menos mal. Então faremos exatamente da forma que você está acostumada a fazer.

Lívia coloca sua taça na mesinha de centro, pega uma das almofadas que estão sobre o sofá e a coloca no chão entre as minhas pernas. Ela tira o vestido de uma vez só e fica de calcinha parada na minha frente. Seus seios perfeitamente redondos me excitam. Lívia tira minha camisa e se senta em meu colo com os seios colados em meu rosto. Eu coloco as mãos em suas costas e acaricio sua pele macia. Ela passa os mamilos pelos meus lábios fechados e geme baixinho. Abro a boca e sugo um deles com força. Esfrego-o com minha língua, apertando-o contra o céu da boca, antes de me afastar um pouco e prendê-lo entre meus dentes. Puxo-o com cuidado até ele escapar da minha boca. Olho para Lívia e vejo que sua expressão não está muito boa, então passo minha língua úmida várias vezes em volta do mamilo, que provavelmente está dolorido. Ela fecha os olhos e joga a cabeça para trás.

- Ai, meu Deus! – ela diz ofegante.

Quando ela volta a posição normal, pergunto:

- Você está bem? Quer parar?

- Você está louco? Foi a melhor coisa que já senti na vida.

- Um pouco de dor sempre gera sensações inesperadas.

- Faz de novo – ela diz e encosta o mesmo seio em meus lábios.

- No outro – digo e dou um beijo estalado no que ela me ofereceu.

- Por quê?

- Porque eu não quero te machucar.

Ela apenas concorda com a cabeça e me oferece o outro.

Faço da forma que fiz com o primeiro e Lívia reage do mesmo jeito. Ela se levanta e se ajoelha na almofada antes de abrir minha bermuda e colocar meu pau para fora. Lívia lambe minha glândula e depois a chupa. Pouco a pouco, ela enfia meu membro inteiro na boca e olha em meus olhos. Minha vontade é de vendá-la, mas não posso fazer isso.

A sensação de ter alguém chupando meu pau sem eu ter que dar instruções é boa. E Lívia faz isso muito bem. Eu a levanto do chão antes que eu goze em sua boca, a pego no colo e a levo para o segundo andar, direto para o meu quarto. Coloco-a deitada sobre a cama e me ajoelho de frente para ela.

Fico imaginando o corpo dela todo amarrado com uma das minhas cordas de algodão.

“Ela ficaria linda...”

- Você tem uma camisinha? – ela pergunta e eu me levanto para buscar uma no banheiro.

Quando volto, Livia está sentada na cama e assim que me aproximo, ela se ajoelha e estende a mão para mim. Eu seguro sua mão, ela me puxa para cama e tira a camisinha da minha mão. Deito-me e ela coloca a camisinha no meu pau. Livia tira a calcinha e eu vejo que sua vulva está completamente depilada.

“Do jeito que eu gosto!”

Ela monta em mim e eu me dou conta de que nem me lembro quando foi a última vez que fiz sexo nessa posição. Livia apoia as mãos em meu abdômen e encaixa meu membro em sua boceta, que está molhada e quente. Ela começa a subir e descer e olha para mim.

- Feche os olhos – digo.

- Por quê?

Penso em responder que é por que eu estou mandando, mas ela precisa saber o motivo.

- Porque eu quero que você sinta meu pau dentro de você sem se preocupar com o que eu estou achando ou sentindo.

Livia faz o que eu mandei, para de subir e descer e começa a rebolar. Aos poucos, ela vai encontrando a profundidade que mais lhe agrada e esfrega em meu pau o ponto que mais lhe dá prazer. Eu fico apenas olhando para ela e deixo que ela faça do jeito que gosta e que está acostumada. Quando ela abaixa o corpo sobre o meu e aumenta o ritmo, sei que está prestes a gozar. Seguro seu quadril e meto com força nela. Livia abre os olhos e nós gozamos olhando um para o outro.

“Isso é estranho... E gostoso.”

Minha submissas jamais ousariam olhar para mim durante uma sessão, muito menos enquanto eu estou gozando.

Livia me beija e eu retribuo. Ainda estou excitado... Não sei se é por que esse tipo de sexo não me satisfaz completamente ou pelo que acabou de acontecer de diferente enquanto eu gozava.

Ela se deita na cama ao meu lado e diz:

- Me dá uns 15 minutos e eu vou te deixar à vontade.

- Como assim?

- Eu preciso respirar um pouco antes de ir embora.

- Ir embora para onde?

- Para minha casa, ué?!

- De forma alguma. Você está sob a minha responsabilidade até às 6 horas da manhã.

- Mas nós não fizemos nada de diferente.  
- Não importa. Minha obrigação é cuidar de você e garantir que você saia daqui bem.

- Eu acho que você está exagerando.  
- É uma pena que eu não me importe com a sua opinião nesse caso.

“Na verdade, em nenhum caso, mas ela não precisa saber disso.”

Levanto-me e vou até o banheiro. Coloco a banheira para encher e visto um roupão. Volto para o quarto e pego Livia no colo.

- O que você está fazendo?  
- Levando você para tomar banho.

Ela apenas sorri. Eu a coloco dentro da banheira e me sento no banquinho do banheiro.

- Você vai ficar aqui me olhando? – ela pergunta.  
- Vou.  
- Quer entrar e tomar banho comigo?  
- Eu espero você terminar.  
- Para que esperar? – ela estica a mão em minha direção.

Eu levanto automaticamente e caminho em direção à banheira. Eu nunca tomei banho com nenhuma mulher sem ser a minha mãe. Tiro o roupão, Livia encolhe as pernas e chega seu corpo para frente para eu me sentar atrás dela.

Não sei o que fazer. Ela encosta o corpo ao meu, apoia a cabeça em meu peito, suspira e fecha os olhos.

- A Mariana com quem você estava falando mais cedo é a sua namorada?  
- Eu não tenho namoradas, tenho submissas. E sim, ela é minha submissa.  
- Ela é a única ou você pode ter mais de uma ao mesmo tempo?  
- É a única.  
- E você gosta dela?

Isso não faz o menor sentido para mim.

- Como assim?  
- Ah, sei lá... Vocês pretendem se casar, ter filhos, coisas do tipo?  
- Não. Mas eu gosto das nossas sessões.

- As pessoas que fazem o que você faz não se casam com as submissas?
- Algumas, sim, mas eu não pretendo me casar com a Mariana.
- Entendi.
- E você?
- Eu também não pretendo me casar com a Mariana.

Não consigo conter uma gargalhada alta e Livia abre os olhos e sorri. Eu gosto quando ela sorri e olha para mim. Isso não acontece com frequência nos meus relacionamentos.

- Você tem namorado?
- Não. Namorados dão muito trabalho pelo que vejo das minhas amigas.
- Certamente.

Livia pega a esponja de banho, coloca um pouco de sabonete líquido nela e a coloca em minha mão. Ela chega um pouco para frente e abraça os joelhos enquanto eu passo a esponja por suas costas.

- Por que você trabalha?
- Eu gosto. Não consigo ficar muito tempo sem fazer nada.
- Mas você não precisa trabalhar, não é?
- Não. A empresa rende o suficiente para eu não precisar ir lá.
- E como você virou dominador?

- Assim que eu descobri que era disso que eu gostava, passei a frequentar clubes de *BDSM* e aos poucos fui aprendendo. É uma responsabilidade muito grande e você precisa ter certeza do que está fazendo.

- Com quanto anos você começou a fazer isso?
- Vinte e um.
- E desde então você nunca mais fez sexo normal?
- Poucas vezes.
- Quantas submissas você já teve?
- Em sessões em clubes, muitas. Em um compromisso, cinco.
- E nesses clubes as pessoas fazem troca de casais e essas outras coisas?
- Sim. Tem gente que gosta. Eu não.
- Por quê?

- Porque eu não divido o que é meu com os outros.

Lívia vira de frente para mim, tira a esponja da minha mão e ensaboa meu pescoço, meu peito e meus braços. Seu toque em minha pele faz com que eu volte a ficar excitado. Ela desce passando a esponja pelo meu abdômen e quando chega ao meu membro, o segura e começa a me masturbar. Seguro sua mão e digo:

- Hora de dormir.

- Dormir? Seu pau está duro feito pedra!

- Sim, mas nós fizemos sexo há pouco tempo e eu não quero deixar você dolorida.

- Eu não estou dolorida. Estou excitada.

Lívia se levanta e fica parada de frente para mim. Puxo seu corpo até encostar sua vulva em minha boca. Dou um beijo estalado antes de separar seus grandes lábios e lambe seu clitóris.

- Abra as pernas – digo e ela faz o que eu mando, mas assim que eu dou outra lambida, ela as fecha. – Não me obrigue a te amarrar. Deixe as pernas abertas.

- Eu não consigo.

Afasto suas pernas e ao invés de lambê-la outra vez, sugo seu clitóris e o mantenho preso entre meus lábios. Passo a língua por ele e enfio dois dedos em sua boceta ao mesmo tempo. Lívia diz ofegante:

- Ai, meu Deus! Isso!

Ela segura minha cabeça com as duas mãos e não para de gemer enquanto eu a chupo. Alguns minutos depois, ela goza. Lívia se ajoelha, se senta em meu colo e me beija.

- Isso foi incrível – ela diz.

“Se ela soubesse o quanto pode melhorar...”

Nós ficamos na mesma posição por mais alguns minutos até ela se levantar, sair da banheira e estender meu roupão para mim.

- Venha.

Saio da banheira e a sigo até o quarto. Ela me coloca sentado na cama e abre o roupão que acabei de fechar. Lívia se ajoelha entre minhas pernas e me chupa com dedicação. Sua boca macia é incrível e cada vez que ela passa a língua pela minha glande, sinto um arrepio na espinha. Eu, certamente, poderia amarrá-la e foder essa boquinha linda como eu bem quisesse, mas assim também está bom, por incrível que pareça. Quando estou prestes a gozar, puxo seus cabelos para trás, tiro meu pau de sua boca e ejaculo em seus lábios e queixo enquanto ela olha diretamente para mim.

“Por que ela não fecha a porra dos olhos?”

Antes de soltá-la, passo meu pau por seu queixo e digo:

- Abra a boca – Livia faz o que eu mando. – Prove.

Ela lambe minha glândula antes de sugá-la com delicadeza.

- Agora eu vou colocar você na cama, limpar você e você vai dormir sentindo o meu gosto.

Levanto-a do chão e a coloco deitada na cama. Pego uma caixa de lençóis e limpo seu rosto, seu pescoço e seus seios. Livia sorri o tempo todo. Deito-me ao seu lado e ela apoia a cabeça em meu peito. Por mais que eu tenha dormido muitas vezes na mesma cama com uma das minhas submissas, obviamente nenhuma delas nunca fez isso.

- Boa noite, Carlos Eduardo – ela olha para mim e diz.

- Boa noite – beijo sua testa e apago a luz do abajur.



Acordo no dia seguinte com a Livia me sacudindo.

- Seu telefone não para de tocar – ela diz.

Pego aparelho e atendo sem nem ver quem é.

- Cadu, é o Roberto. Você está bem?

Livia se deita outra vez e vira de costas para mim completamente nua.

“Mas que merda eu fiz!”

- É... sim.

- A Livia está aí com você?

Não sei o que dizer, então repito sua pergunta em voz alta. Livia se senta apressada e faz um sinal negativo com a mão. Roberto diz que a amiga dela está preocupada, mas ainda assim eu digo que ela não está aqui

- Você sabe se ela foi para casa ontem à noite?

Afasto o telefone para ele não me ouvir perguntando isso a ela.

- Fala que eu saí com uns amigos – Livia diz e eu faço o que ela pede.

- Está bem. Desculpe ter te acordado – Roberto diz.



- Não tem problema. Nos falamos mais tarde.

Desligo o telefone e Livia pergunta:

- Eles acreditaram?

- Acho que sim.

Ela suspira aliviada e coloca as pernas para fora da cama.

- Bem, eu vou embora então.

- Por quê?

- Porque você disse que eu tinha que ficar até às 6 horas e são 13:30.

- Tem razão... Você tem algo para fazer hoje?

- Não. Só continuar arrumando minhas coisas para a mudança.

- Você quer ficar mais um pouco e nós comemos alguma coisa juntos?

- Por mim, tudo bem – ela se deita na cama outra vez. – Você não vai ter que... encontrar sua submissa?

- Não. Eu cancelei a sessão do fim de semana. Você está com dor de cabeça? A minha parece que vai explodir.

- Não. Estou bem.

Levanto-me e vou até o banheiro pegar um comprimido. Eu não acredito que traí a confiança da Mariana e que para piorar estou a ponto de fazer isso outra vez. Tomo o remédio e uma chuveirada e quando volto para o quarto, Livia está dormindo outra vez.

Sua respiração está calma e seus pequenos seios sobem e descem lentamente. Ela definitivamente precisa engordar uns quilos e criar uns músculos antes que eu possa amarrá-la e pendurá-la em algum lugar.

“Mas que inferno! Ela não é submissa e muito menos sua, seu idiota!”

Deito-me ao seu lado e acabo dormindo também.

Acordo algumas horas mais tarde e Livia ainda está dormindo. Vou até a cozinha e preparo algo para comermos. Ouço seus passos descendo as escadas pouco tempo depois.

- Desculpe. Eu acabei pegando no sono.

- Não tem problema. Você come ovos?

- Só se não forem fritos.

- Não. É uma omelete com espinafre e queijo.

- Ótimo.

- O que você vai dizer para a Ana sobre nós dois?
- Em algum momento, a verdade. Você prefere que eu minta?
- Não. Não me importa.

- Carlos Eduardo, eu... eu quero sair com você outras vezes se isso não for um problema.

Coloco a comida nos pratos que deixei sobre a mesa antes de dizer:

- Olha, foi uma experiência diferente para mim depois de tantos anos só de dominação e eu sinceramente gostei de ter passado a noite com você, mas eu tenho um compromisso muito sério com a Mariana e não posso fazer isso com ela. Eu teria que terminar definitivamente o que tenho com ela para continuar saindo com você e a verdade é que você não é uma submissa, Lívia. Quanto tempo isso duraria? Eu não tenho relacionamentos que não envolvam sessões de dominação justamente porque sexo convencional não me satisfaz durante muito tempo.

- Eu entendo. Tudo bem.

Nós comemos em silêncio e depois que eu coloco os pratos na pia, pergunto:

- O que você quer fazer agora?
- Eu quero ser sua submissa nem que seja só hoje.

# Capítulo 3

*“Posso inventar mais um motivo pra disfarçar. Pressa de chegar, medo de te encontrar. Deve ser porque procuro mais do que você. Sei que você não parece muito preocupado, por sinal...”*

*Like this – Tulipa Ruiz*



Desde que saímos do restaurante na Urca, eu tenho experimentado sensações e sentimentos que jamais imaginei na vida. O jeito como Carlos Eduardo olha para mim e o tom de sua voz mexem comigo de uma forma que eu não sei explicar. Seu beijo é quente e possessivo e faz com que eu me sinta completamente perdida.

Nós vamos para o apartamento dele e antes de começarmos qualquer coisa, eu tiro algumas dúvidas que não saem da minha cabeça. O apartamento dele parece tão grande quanto o dos meus pais, mas a decoração é completamente diferente do que você espera de um homem de apenas 35 anos. Tudo no apartamento é antigo e com um tom clássico. É como se estivéssemos nos anos 70... Dos móveis aos abajures, tudo é de uma outra época.

Carlos Eduardo responde a tudo que eu pergunto pacientemente. Ele diz que nós faremos sexo da forma que eu estou acostumada e é exatamente isso que acontece. Exceto por um detalhe ou outro que me deixam extremamente assustada à princípio, mas depois eu me sinto maravilhosamente bem.

O primeiro acontece quando ele morde meu mamilo. Minha vontade inicial é de dar na cara dele, mas logo em seguida, quando Cadu passa a língua por ele, eu quase gozo. O segundo, quando ele me manda fechar os olhos. É a primeira vez que um homem me pede isso. Todos eles adoram que eu fique olhando, mas Carlos Eduardo tem razão quando diz que com os olhos fechados eu não vou me preocupar com o que ele está pensando. Desse jeito, eu consigo me concentrar muito mais rápido no que estou sentindo e, para falar a verdade, é muito mais gostoso assim.

O último e mais impressionante é quando ele diz que eu tenho que passar a noite com ele, pois ele é responsável por mim. Ninguém nunca foi ou quis ser responsável pelos meus sentimentos ou meu bem-estar, exceto a Iracema que me criou como se fosse minha verdadeira mãe.

Quando ele me pega no colo e me leva para o banheiro, me sinto feliz como uma criança. Nós conversamos durante o banho sobre a submissa dele e sobre como ele começou a fazer esse tipo de sexo. Eu tento fazer sexo com ele outra vez, mas ele se recusa dizendo que não quer me deixar dolorida, por mais que eu esteja vendo que ele também está excitado.

Levanto-me para sair da banheira, ele me puxa para perto e me lambe de um jeito que ninguém nunca havia feito. Ele literalmente chupa meu clitóris e me faz gozar poucos minutos depois. É incrível e eu não sei por que as pessoas não fazem desse jeito. Assim que me recupero, o levo de volta para o quarto e retribuo o favor. Ele é tão adorável que até limpa meu rosto antes de dormirmos.

Na manhã seguinte, acordo com a Ana ligando para meu celular, mas não atendo. Logo depois, o do Carlos Eduardo começa a tocar sem parar e é o Roberto querendo saber se eu estou com ele. Eu peço para o Cadu mentir, mas é claro que eu vou contar para minha amiga depois. Se eu contar agora, ela vai querer falar comigo e vai encher meu saco desde já.

Assim que ele desliga o telefone, digo que vou embora e ele me convida para ficar mais um pouco e comer com ele. Eu aceito imediatamente, já pensando que eu poderia ser a refeição, mas acabo pegando no sono outra vez e quando acordo, ele não está mais no quarto.

Visto minha roupa, lavo o rosto, coloco um pouco de pasta de dente na boca e esfrego com os dedos, depois desço para procurá-lo. Encontro-o na cozinha, que tem o mesmo estilo clássico da sala, mas os eletrodomésticos são modernos. Fica realmente esquisita essa combinação. Eu penso em perguntar por que ele gosta dessas coisas tão antigas, mas acho melhor não provocá-lo.

Enquanto comemos, digo para ele que gostaria de vê-lo mais vezes, mas ele diz que não pode por causa do compromisso que tem com a tal de Mariana. É claro que eu não me conformo com isso. Quando terminamos de comer e ele me pergunta o que eu quero fazer, respondo:

- Eu quero ser sua submissa nem que seja só hoje.

Ele olha para mim espantando e pergunta:

- Você é maluca?

- Por quê?

- Porque você não é submissa, Lívia. Isso não é uma coisa que você escolhe ser. Isso é instinto, nasce com você.

- Mas eu posso ser na hora do sexo se eu quiser.

- E é exatamente isso que eu estou te falando. O que eu faço não é brincadeira de adolescentes na faculdade. Você não escolhe ser submissa ou não. E principalmente, você não se comporta dessa forma apenas durante o sexo. Isso é sério, é um compromisso e eu não estou comprometido com você.

- Mas eu queria saber como é...

- Você é uma menina mimada e sem limite! – ele sobe o tom da voz, fecha os olhos, respira fundo e faz uma pausa. – Tome um banho rápido e deite-se nua na minha cama. Eu estarei lá em 10 minutos.

“Ai, caralho! O que eu fiz?”

Abro a boca para dizer que é melhor deixarmos isso para lá, mas ele me interrompe.

- Agora, Lívia.

Levanto-me devagar e subo as escadas sem saber o que fazer. Eu queria tanto que isso acontecesse, mas agora que está acontecendo estou apavorada.

“O que será que ele vai fazer comigo? Será que ele vai me bater? Ou me amarrar?”

Faço o que ele mandou, mas ele não aparece 10 minutos depois. 15, 20 minutos e nada. Quando estou quase me levantando, ele abre a porta.

- Pensei que... – começo.

- Calada – ele diz com um tom suave.

Carlos Eduardo tira suas roupas e as joga no chão.

- Fique de quatro – ele ordena.

Faço o que ele mandou e sinto a cama afundando atrás de mim. Sinto suas mãos tocarem minha bunda e subirem lentamente pelas minhas costas. Carlos Eduardo coloca a mão entre as minhas pernas e acaricia meu clitóris com delicadeza. Ele se afasta, mas logo em seguida sinto sua língua tocando o mesmo ponto onde seus dedos estavam. Aos poucos, meu medo vai sendo substituído por um calor que me queima por dentro.

Carlos Eduardo se afasta mais uma vez e eu me viro para ver o que está acontecendo. Ele está olhando para o meu corpo e se masturbando. Reparo que ele já está de camisinha.

- Olhe para frente.

Levo um susto, mas faço o que ele manda. Sua mão toca minha bunda outra vez e ele me penetra com cuidado. Olho para ele e ele me manda olhar para frente de novo. Seu pau me preenchendo completamente faz com que eu fique ainda mais molhada. Carlos Eduardo passa a língua pela minha coluna e eu sinto um calafrio. Ele segura meu quadril com força e começa a entrar e sair do meu corpo, fazendo com que seu pau passe exatamente pelo lugar que eu mais gosto dentro de mim. Olho para ele, que está de olhos fechados e com os lábios semiabertos.

- Eu não vou mandar outra vez, Lívia.

Olho para frente rápido, mas sem entender como ele sabe que eu estava olhando. Eu começo a ficar ofegante e sinto que estou prestes a gozar. Ouço Carlos Eduardo gemendo, não consigo me controlar e viro o pescoço outra vez. Antes que eu consiga virar completamente, ele puxa meu cabelo.

- Eu te avisei.

Sua mão pesada segura os fios, bem próximo da minha nuca, ele me fode com ainda mais força e eu gozo. Carlos Eduardo continua se movimentando e meu orgasmo parece que não vai acabar. Ele solta o meu cabelo, me coloca deitada na cama de barriga para cima e coloca seu corpo sobre o meu.

- Você está bem?

- Sim.

Carlos Eduardo me penetra outra vez. Ele coloca meus dois braços para o alto e me segura pelos pulsos. Fecho os olhos antes que ele me mande olhar para outro lugar, mas logo depois ele diz:

- Olhe para mim.

Faço o que ele diz e instantes depois ele goza olhando em meus olhos. É a coisa mais erótica que eu já vi... E olha que eu já vi bastante coisa nessa vida.



Depois de ficarmos deitados por muito tempo em silêncio, Carlos Eduardo pergunta:

- Você quer... Não... Esqueça.

- O quê? Pode falar.

- Não. É melhor deixar para lá. Eu vou levar você de volta para sua casa.

- Mas...

- Eu disse que não, Lívia.

Minha vontade é de gritar e obrigá-lo a me dizer o que ele queria, mas pelo que já percebi, isso não funciona com ele, então apenas me sento na cama e digo:

- Tudo bem.

Começo a pegar minhas coisas do chão, ele segura meu ombro e diz:

- Espere. Eu queria saber se você quer passar o resto do dia aqui... na piscina. O Roberto provavelmente vai ficar com a Ana e eu não quero ficar no meio deles.

- Acho que eu poderia fazer isso, mas eu não quero te aborrecer. E você sabe que eu vou fazer um milhão de perguntas.

- Eu não me importo. Eu meio que gostei de conversar com você.

- Eu fico, então.

Cadu sorri, se levanta e entra no banheiro. Eu coloco meu vestido e espero ele sair de lá. Ele aparece com o mesmo modelo de sunga que estava na praia ontem, mas essa é preta.

- Vamos – ele pega a minha mão e nós descemos até a varanda.

Eu ainda não consegui entender por que essa decoração dos anos 70. Até os móveis da varanda seguem o mesmo estilo.

- Você quer beber alguma coisa?

- Hm... Vinho *rosé*, você tem?

Ele ri.

- Certo. Água, então. Eu já volto.

Tiro meu vestido e minha calcinha e deixo sobre uma das poltronas antes de entrar na piscina. A água está gelada, mas como o dia está bem quente, eu não me importo. Carlos Eduardo volta com uma bandeja com garrafas de água mineral, tônics e uns potinhos que eu não consigo ver o que tem dentro. Ele se aproxima com uma das garrafinhas para mim.

- Você está nua?

- Eu não trouxe meu biquíni.

- Mas as pessoas podem te ver.

- Que pessoas? Aqueles pontinhos que estão na praia?

Ele me entrega a água, se afasta para falar ao celular e não aparece durante um bom tempo. Resolvo ir atrás dele, mas antes que eu entre no apartamento, ele volta para a varanda com uma sacola nas mãos.

- O que é isso?

- Um biquíni. Vista-se.

Abro a sacola e vejo um biquíni exatamente igual ao que eu estava usando ontem.

- Obrigada.

Faço o que ele mandou e me sento perto da mesa. Nos potinhos que ele trouxe têm castanhas, pistaches, nozes e amêndoas. Pego um punhado antes de perguntar:

- Como você faz essa coisa de dominação com suas namoradas?

- Submissas.

- Sim, submissas. Vocês vão para esse tipo de clube toda vez?



- Não. Eu tenho um cômodo adaptado para isso.

- E o que você faz no clube então?

- Eu vou lá para conhecer pessoas novas quando um compromisso termina e eu ainda não tenho outra submissa.

- Eu posso ver o seu quarto?

- O nome correto é calabouço. Tem certeza que quer ver?

“Mas que horror!”

- É tão ruim assim?

- Pessoas que não são do meio geralmente não se sentem à vontade.

“Mas o que será que tem nesse lugar?”

- Eu quero ver mesmo assim.

- Está bem – ele diz sorrindo.

Nós voltamos para o segundo andar e caminhamos até o fim do corredor. Cadu aponta a porta para mim, me entrega uma chave e eu a abro. A primeira impressão que tenho é que é um quarto normal. As paredes são brancas e os móveis são de madeira maciça. A cama tem um dossel e a única coisa que chama minha atenção é um enorme X de madeira em uma das paredes.

- Pode entrar – ele diz.

Aproximo-me da cama que tem um sofá de couro branco de frente para ela e vejo que há várias argolas de metal presas por toda a extensão do dossel. No X, também há o mesmo tipo de argola em cada uma das pontas. Há umas cadeiras ou bancos com formatos esquisitos e todas elas também têm as argolas. Em um lado do quarto, ao invés da parede, há portas de madeira que eu suponho ser um *closet* e na parede oposta, uma longa cômoda com várias gavetas. Não há janelas.

- Isso não me parece um calabouço – digo.

Cadu se aproxima das portas do *closet* e abre todas elas.

- E agora?

Há tantas coisas penduradas que eu nem sei o que olhar primeiro: penas, chicotes, palmatórias, algemas, correntes, cordas, varas, barras de metal... Eu começo a ficar assustada e me afasto.

- Para que serve esse X?

- É uma cruz. Chama-se cruz de Santo André. Está vendo as argolas? – balanço a cabeça afirmando. – É para prender as amarras nos braços e nas pernas.

“Mas que porra é essa?”

- Entendi.

- Quer ver mais?

- Não. Acho que já está bom.

Ele sorri e se aproxima lentamente, como um predador. Eu olho para a porta e vejo que ela está aberta.

- Você está com medo?

Minha vontade é de sair correndo dali. Meu coração começa a bater mais rápido e minha respiração fica irregular. Carlos Eduardo para de frente para mim e continua:

- Você sabe que eu não vou fazer nada com você, não sabe?

- É... eu... Sim. Eu estou com medo.

Ele segura minha mão e me leva até a cama. Nós nos sentamos e ele diz:

- Lívia, tudo isso aqui é sobre sentir prazer. Eu não vou fazer nada com você pelos motivos que nós já conversamos, mas eu não quero que você saia daqui com medo.

- Você sente prazer causando dor nos outros?

- Sim. Em pessoas que sentem prazer sentindo dor.

- Ninguém sente prazer e dor ao mesmo tempo.

- Não?

- Não.

- E o que você sentiu quando eu mordi seus mamilos ontem?

“Dor... e depois prazer...”

- Aquilo foi diferente.

- Não. Aquilo foi exatamente o que eu estou te falando. Há diferentes tipos de dor e diferentes motivos para causar dor em alguém. Da mesma forma que há diferentes tipos e níveis de dominação e submissão. O que me satisfaz é causar dor para dar prazer e não simplesmente ver a outra pessoa sofrendo. Tem gente que gosta disso, mas não é o meu caso. O importante é você manter a mente aberta e estar com a pessoa certa para o que você precisa.

- Eu não preciso dessas coisas.

- Eu sei. E é justamente por isso que você não é uma submissa. Você saberia se fosse.

- Você ainda quer me amarrar daquele jeito que você disse no restaurante?

Cadu pega minha mão e coloca sobre sua ereção.

- Ter você aqui dentro me faz querer ainda mais.

Meu coração volta a bater mais rápido.

- Nós podíamos tentar e...

- Não. Está na hora de você voltar para sua casa.

Penso que em todas as vezes que eu contestei, ele manteve o que disse, mas sempre que eu concordei imediatamente, ele mudou de ideia.

- Está bem.

Carlos Eduardo fica olhando para mim por alguns instantes, respira fundo e diz:

- Vamos.

Ele se levanta, segura minha mão e nós saímos do quarto. Ele me leva até a varanda, eu coloco meu vestido e pego minha bolsa enquanto ele também se veste. Fico até o último instante com a esperança de ele mudar de ideia, mas quando saímos do prédio, sei que isso não vai acontecer.

Nós caminhamos em silêncio até o meu apartamento e ele para quando nós chegamos à portaria.

- Como você sabe onde eu moro?

- Eu te segui ontem quando nós saímos da casa do Roberto.

Fico sem saber o que dizer.

- E você acha isso normal?

- Perfeitamente.

Por mais estranho que isso pareça, eu gosto. Sinto como se ele estivesse tomando conta de mim.

- Bem... Foi ótimo conhecer você. Obrigada por tudo.

- Eu que agradeço. Foi... encantador.

Cadu dá um beijo em minha bochecha e diz:

- Adeus, Livia.

Ele vira as costas e vai embora. Eu fico parada esperando durante algum tempo, mas ele realmente vai embora. Subo para o meu apartamento e assim que abro a porta, Iracema aparece correndo.

- Você está bem? – ela pergunta agitada.

- Sim. O que houve?

- Você não avisou que não ia voltar e eu fiquei preocupada.

- E por que você não me ligou?

- Eu não sabia se você ficaria chateada ou não, então resolvi esperar.

- Não seja boba! Você pode me ligar a hora que quiser. E sim, eu estou bem. Só passei a noite na casa de um amigo.

- Você quer comer alguma coisa?

- Daqui a pouco. Quero tomar um banho primeiro.

- Está bem.

Vou para o meu quarto e me deito na cama. Relembro tudo o que aconteceu no fim de semana e de como eu me senti bem ao lado do Carlos Eduardo, mesmo com toda aquela maluquice. Eu já saí com muitos caras, mas nenhum deles fez com que me sentisse... preciosa.

Depois do banho e do jantar, volto para cama e durmo serenamente. Acordo no dia seguinte um pouco antes do meio-dia e ligo para Ana para tranquilizá-la. É claro que ela faz um escândalo no telefone e me acusa de ter passado a noite com o Cadu. Eu continuo mentindo por mais um tempo porque não estou podendo lidar com as loucuras dela agora.

Tomo café da manhã e saio para resolver algumas coisas do apartamento novo. Depois volto para casa para estudar um pouco, pois temos prova hoje, na verdade a semana inteira. E é isso o que me salva, pois a Ana retoma o assunto do fim de semana, mas por causa das provas nós não temos muito tempo para conversar.

A semana inteira passa muito corrida, mas eu consigo terminar tudo que falta para o apartamento e me dedicar para as provas. Alice, Clara e Giulia estão mais chatas e histéricas do que nunca, já que precisam passar de qualquer maneira para se formarem. Decido surpreender a Ana e convidar as meninas para irem ao nosso apartamento no sábado para sairmos todas juntas para a festa do trabalho dela e as meninas se animam.

Na sexta à noite, quando chego da faculdade, vejo minha mãe na sala toda arrumada em um vestido longo.

- Voltaram? – pergunto.

- Sim. Chegamos hoje à tarde – eu me aproximo e ela me dá um beijo no rosto. – Como você está?

- Bem e você?

- Cansada, mas seu pai não pode perder esse jantar de negócios e eu tenho que ir com ele.

- Sei. E cadê ele?

- Terminando de se arrumar. A Iracema disse que você se muda amanhã. É isso mesmo?

- Sim. De manhã.

- Nós estaremos aqui.

“Como se fosse fazer diferença...”

- Eu vou para o meu quarto. Divirta-se no seu jantar.

- Obrigada. Seus presentes estão em cima da sua cama.

- Tá.

Vou para o meu quarto e fecho a porta. Tiro todas as sacolas da cama e coloco no chão. Deito-me e fico esperando eles saírem antes de voltar para sala para procurar a Iracema.

- Eles já foram? – pergunto.

- Acabaram de sair.

- Você pode me ajudar a preparar minhas malas?

- Claro, querida. Vamos lá.

Iracema me ajuda a fazer três malas bem arrumadas e isso não é nem metade das minhas coisas.

- Depois eu busco o resto – digo.

- Eu preparo para você durante a semana e você pode passar aqui quando quiser pegar. Ou eu posso levar para você.

- Obrigada. Você quer ir comigo amanhã de manhã para ver o apartamento?

- Eu adoraria.

- Eu te aviso quando estiver saindo.

- Está bem. Vou deixar você descansar agora. Tenha uma boa noite.

- Você também.

Eu pensei a vida inteira como seria se eu fosse filha dela de verdade. Nós, com certeza, seríamos pobre e moraríamos em algum bairro feio e em uma casa pequena e sem conforto, mas pelo menos eu teria sido criada da forma correta.

Na manhã seguinte, levo Iracema comigo para o apartamento novo. Ela gosta das coisas que eu escolhi e promete vir me ajudar a arrumar aos poucos durante a semana, quando meus pais não estiverem em casa. Ela vai embora pouco tempo depois para que meus pais não desconfiem que ela veio comigo. Coloco minhas malas no meu quarto e deixo avisado na portaria que montadores chegarão a qualquer momento.

Vou com o motorista buscar a Ana, que entra no carro quase chorando.

- Não fique assim, amiga. Nós vamos nos divertir. Você vai ver – digo.

Nós vamos para o nosso apartamento e a primeira impressão que tenho assim que entramos é de que teremos problemas. Ana reclama de tudo e eu sou obrigada a mentir dizendo que até os montadores foram meus pais que pagaram e nos deram de presente. Eu não quero que ela pague por nada, sei que ela acabou de começar a trabalhar e que não tem dinheiro para isso, mas ela insiste e eu sou obrigada a mentir o tempo todo.

Depois que os homens do caminhão de mudanças colocam as caixas dela no quarto, nós começamos a arrumar a cozinha. Pelo visto vai demorar até conseguirmos ajeitar tudo. Eu nem imaginava que daria tanto trabalho. Horas se passam e nós ainda estamos arrumando o mesmo lugar.

- Se eu não parar agora vou fazer xixi nas calças. Eu já volto – digo e vou ao banheiro.

Graças a Deus, tem um banheiro só meu dentro do meu quarto e eu obviamente, mandei colocar uma banheira para ficar ainda melhor. Quando estou voltando, encontro Ana com uma cesta de delícias na sala. Tem de tudo que eu mais gosto dentro dela.

- Que legal! Vou pegar as taças! Quem mandou? Meu pai?

- Não... O Carlos Eduardo – Ana diz e cruza os braços.

“Como ele sabe meu endereço novo?”

Ana me entrega o cartãozinho que está em suas mãos e pergunta:

- Você vai me dizer outra vez que não deu para ele?

Olho o cartão para ver se dá para evitar essa conversa por mais algum tempo.

*Para comemorar a mudança!*

*Carlos Eduardo*

“Não... Ela não vai acreditar...”

- Está bem... Eu dei para ele, mas foi só aquele dia. Quer dizer, aquele final de semana.



“Esse com certeza é o domingo mais esquisito da minha vida.”

Lívia muda seu comportamento com a mesma frequência que uma criança muda sua cor preferida, mas eu simplesmente não consigo dizer não quando ela se comporta da forma correta. Nós conversamos sobre meu relacionamento com a Mariana e o porquê de nós não podermos continuar com o que estamos fazendo. Eu mostro a ela um pouco de sexo com dominação, mas não consigo gozar enquanto ela não olha para mim.

“Isso é definitivamente estranho.”

Nós passamos o resto da tarde juntos, ficamos um pouco na piscina e eu sou obrigado a mandar trazerem um biquíni para ela, pois a louca fica completamente nua na varanda como se isso fosse normal. Lívia pede para ver o calabouço e eu mostro a ela. Ela fica bastante desconfortável lá dentro e isso me excita.

Eu simplesmente não posso mais continuar com isso, então decido levá-la para casa dela e acabar com essa palhaçada. Quando nós estamos nos despedindo na porta do prédio dela, Lívia diz:

- Bem... Foi ótimo conhecer você. Obrigada por tudo.

“E ela nem viu nada...”

- Eu que agradeço. Foi... encantador. Adeus, Lívia.

Saio de lá disposto a esquecer esse fim de semana e no caminho de volta para minha casa, ligo para Mariana.

- Sim, senhor.

- Quero você na minha casa em 20 minutos.

- Estarei lá, senhor.

Assim que subo para meu apartamento, vou direto para o calabouço e separo uma palmatória de madeira, uma máscara preta, uma mordaca com bola vermelha e cordas de algodão também vermelhas. Deixo tudo separado em cima da cômoda, tomo um banho e vou até a sala esperar a Mariana. Assim que coloco uma dose de uísque no copo, ela toca a campainha. Abro a porta, ela se ajoelha aos meus pés e abraça minha perna.

- Obrigada por ter ligado de volta, senhor. Eu senti sua falta.



- Vá se trocar. Você sabe que eu odeio essas roupas.

Ela está usando um terninho social como os que ela usa no trabalho.

- Sim, senhor.

Mariana sobe correndo e eu espero 5 minutos antes de ir procurá-la no quarto que ela ocupa. Abro a porta do quarto e vejo que ela está sentada na beirada da cama, apenas de calcinha e sutiã e com os cabelos presos em um coque firme.

- Venha – digo e caminho em direção ao calabouço.

Mariana me segue e assim que nós entramos, eu fecho a porta.

- De quatro, na cama. Eu vou amarrar você.

Ela faz o que eu mando e eu amarro seus tornozelos, um em cada ponta do dossel e os seus braços juntos e esticados na cabeceira da cama. Coloco primeiro a mordaca em sua boca e depois a máscara em seus olhos. Pego a palmatória e passo-a por seus seios, abdômen e por sua boceta, que já está molhada. Assim que acerto sua bunda a primeira vez com ela, sinto que algo está errado.

“Eu simplesmente não posso fazer isso com ela.”

Mariana geme, mas o som é abafado pela mordaca. Eu solto os nós da cabeceira e do dossel, a coloco deitada de barriga para cima e a amarro outra vez. Tiro a mordaca de sua boca e pergunto:

- Você está confortável assim?

- Sim, senhor.

Deixo-a vendada e saio do quarto.

“Mas que merda está acontecendo?”

É a primeira vez que eu traio uma das minhas submissas e não estou me sentindo nada bem com isso. O que eu fiz foi terrível, mas o que me deixa mais angustiado é não ter a vontade de parar de fazer. Enquanto amarrava a Mariana, Lívia não saía da minha cabeça nem por um segundo. Na verdade, eu nem sei para que eu coloquei a mordaca na Mariana, já que ela sempre se comportou tão bem. Quem precisa de uma mordaca é a Lívia.

“O que eu estou fazendo?”

Eu não posso simplesmente trocar a submissa perfeita por uma menina mimada que não sabe nada da vida e que nem submissa é. Ando de um lado para o outro sem saber o que fazer. Volto para o calabouço, desamarro a Mariana e digo:

- Você está dispensada.

Tiro sua máscara, mas ela não olha para mim.

- Por hoje, senhor?

- Não. Por tempo indeterminado. Pode ir para o seu quarto e mais tarde eu passo lá para ver como você está.

- Isso significa que eu não vou voltar no final de semana que vem, senhor?

- Sim, Mariana. Você não vai voltar mais. Vá para o seu quarto.

Vejo que seus olhos se enchem de lágrimas, mas nem assim ela olha para mim ou questiona o que eu disse. Ela simplesmente se levanta e vai para o quarto.

“Eu não acredito que estou fazendo isso!”

Volto para a sala e coloco mais uma dose de uísque, pego o copo e vou para a varanda. Fico sentado em uma das cadeiras por não sei quanto tempo pensando no que fazer agora.

Eu nunca tive problemas por ficar algum tempo sem fazer sexo. Sempre que realmente quis, fui ao clube e resolvi o problema. É claro que não é a mesma coisa que ter uma submissa disponível a hora que você quiser, mas ajuda. O que me aborrece é estar considerando transformar a Lívia em uma.

“Isso não vai acontecer... Ela nunca vai se adaptar...”

Meia hora depois, subo para ver como a Mariana está, mas ela não está no quarto. Nem ela, nem suas coisas que ficavam lá. Penso em ligar para ela ou ir ao seu apartamento para ver se ela está bem, mas desisto. É melhor assim.



Passo a semana inteira trabalhando com a documentação da empresa e libero a Ana para ajudar o Roberto no projeto que ele está desenvolvendo. Em uma das noites que nos encontramos para jantar, ele me pergunta:

- É verdade que as mulheres têm que tomar anticoncepcional por 3 meses antes de começarem a trepar sem camisinha ou a sua ginecologista é exagerada igual a você?

- Quantas vezes eu vou ter que te falar que eu não tenho uma ginecologista, Roberto?

- Não se faça de idiota, você entendeu.

- Teoricamente, a medicação já faz efeito desde o primeiro mês, mas o ideal é esperar o corpo da mulher se adaptar completamente ao ciclo com o remédio, por isso ela sugere 3 meses.

- E você segue isso?

- Sempre.

- Merda.

- Não seja moleque e faça o que você tem que fazer para não engravidar a menina, Roberto.

- Diferente do que seu pai fez com a sua mãe?

- Eu queria saber por que todo esse rancor com meus pais...

- Porque por causa deles eu não posso ter um relacionamento normal com a Ana.

- E de onde você tirou isso?

- Meu pai me contou tudo, Cadu.

- Tudo o quê? Eles só começaram a se envolver depois que minha mãe parou de trabalhar, seu idiota.

- Claro que não! Sua mãe engravidou enquanto ainda trabalhava na empresa, por isso ela pediu demissão e desapareceu. Seu pai só descobriu que tinha você quase dois anos depois que você já tinha nascido.

- Não seja ridículo, Roberto! É claro que não foi assim.

- Pergunte a eles então.

- Com certeza! E depois vou obrigar você a falar essa merda na frente do seu pai porque eu sei que você está mentindo.

- Mudando completamente de assunto, você estava com a Lívia ou não no final de semana?

- Estava, mas não é para você sair correndo e contar para a Ana. A Lívia quer contar ela mesma.

- E como foi?

- Esquisito... Não vai acontecer novamente e eu não quero falar sobre isso.

- Você sabe que ela vai estar na festa da empresa, não sabe?

- Sei.

- Eu estou querendo mandar um vestido de presente para a Ana. Você indica alguma loja?

- Depende do tipo de vestido que você quer. Mas não vai pegar mal você mandar isso para a casa da mãe dela?

- Elas se mudam para o apartamento novo no sábado.

“É verdade!”

- E onde elas vão morar?

Roberto me diz o endereço do apartamento e assim que ele se distrai, eu anoto no meu celular. Assim que terminamos de comer, voltamos para casa. No dia seguinte de manhã, levanto cedo para fazer meus exercícios de todos os dias: corro pela areia durante uma hora, depois vou para a academia e passo mais uma hora lá com meu *personal trainer* antes de me arrumar para ir trabalhar.

Na sexta-feira, me pego procurando um site que entregue cestas especiais e encomendando uma para enviar para Livia. Como eu terminei com a Mariana, agora eu posso sair com a Livia até arrumar outra submissa e qual mulher não gosta de receber presentes? Logo em seguida, alugo uma limusine e peço que eles enviem um motorista para buscá-la com as amigas.

Penso no que mais eu poderia fazer para agradá-la, mas chego à conclusão que já está bom. Não quero que ela fique mal-acostumada ou pense que eu estou querendo algo além de diversão.

No sábado, passo na casa do Roberto para buscá-lo antes da festa, pois ele não quer ir de carro.

- Por que você está rindo desse jeito? – pergunto quando ele entra com cara de idiota.

- Estou animado porque vou encontrar a Ana e provavelmente passar a noite com ela.

- Pelo amor de Deus, Roberto! Você é casado! Controle-se!

- Como se esse casamento fosse de verdade... Você sabe melhor do que ninguém que meu pai me obrigou.

- Mas a Ana Luiza não sabe de nada. Onde você pretende chegar com isso?

- Eu não sei... Talvez eu conte para ela um dia. O que importa é que eu estou gostando muito de sair com ela, Cadu. Ela me deixa mais centrado, mais confiante, sabe?

- Sei... – digo, mas na verdade não faço ideia.

Assim que chegamos à festa, nos separamos e eu começo a falar de negócios junto com a Isabel, minha assistente, e alguns convidados. É assim em todas as festas, enquanto o *Robert*

passa o evento todo sofrendo lembrando dos primeiros anos dele no Brasil e da esposa que morreu, Roberto se diverte e eu trabalho.

Perco completamente o foco e a atenção no que estava fazendo quando vejo Livia entrando com as amigas no salão. Ela está deslumbrante em um vestido dourado tomara-que-caia, que se encaixa perfeitamente ao seu corpo. Provavelmente me afasto das pessoas que estava conversando sem nem me despedir e caminho em direção a ela.

“Eu preciso fodê-la hoje...”

Chego a tempo de ouvir uma das amigas dela agradecendo ao Roberto pela limusine que eu mandei.

- Que limusine? – Roberto pergunta.

- A que você mandou para nos buscar – Ana diz.

- Eu não mandei ninguém buscar vocês.

- Ué? Então quem foi? – Ana pergunta.

- Eu – digo.

Livia olha para mim e sorri. Ana fala alguma coisa em seu ouvido e eu a cumprimento.

- Essas são as minhas amigas, Carlos Eduardo. – Ana diz o nome de todas as amigas, inclusive da Livia, como se eu não a conhecesse.

Conforme ela vai me apresentando, aperto a mão de cada uma delas. Quando seguro a mão da Livia para fazer o mesmo, lembro daquela mão pequena segurando o meu pau, não resisto e me curvo para dar um beijo nela como forma de agradecimento.

- É um prazer revê-la – digo depois de corrigir minha postura e olhar em seus olhos.

- Todo meu – Livia diz. – Obrigada pela limusine. E pela cesta também. Nós adoramos, não foi, Ana?

- Foi, sim. Obrigada – a amiga responde.

Roberto nos leva até a mesa que foi reservada e é claro que ele não teve o cuidado de colocar a Livia sentada ao meu lado. Peço para a jovem que está sentada ao lado dela para trocar de lugar comigo e ela aceita.

- Como você está? – Livia me pergunta assim que eu me sento.

- Muito bem e você?

- Bem. Muito contente com a mudança, embora eu ainda tenha muita coisa para arrumar no apartamento novo.

- Você quer que eu contrate alguém para fazer isso para você?

Ela arregala os olhos para mim.

- Sério que você faria isso? – eu apenas balanço a cabeça concordando. – Obrigada, mas não precisa. A Iracema vai fazer isso para mim.

- E quem é Iracema?

- É... Uma das empregadas da minha mãe.

- Tudo bem. Se você precisar de qualquer coisa, pode me ligar.

Entrego um dos meus cartões a ela.

- Qualquer coisa mesmo? – ela pergunta com um sorriso safado no rosto.

- Qualquer coisa – sussurro em seu ouvido.

- Como foi sua semana? – ela se afasta um pouco de mim.

- Cansativa. Tive que resolver alguns problemas burocráticos e essa não é a minha parte preferida do trabalho. A sua?

- Horrível! Tivemos provas todos os dias no meio da confusão da mudança – ela faz uma pausa. – É... Nada. Esquece.

- Pode falar.

Ela ainda pensa por alguns segundos antes de perguntar:

- A sua submissa também vem para a festa?

- Não.

- Ela desconfiou de alguma coisa ou ficou tudo bem?

- Eu terminei com ela.

- Jura? – vejo seus olhos brilharem e isso não é bom.

- Sim.

- Então nós...

- Então nós podemos sair algumas vezes até que eu encontre outra submissa e nada mais – eu a interrompo antes que ela sugira algo que eu não vou poder oferecer.

- Ah... Está bom para mim.

- Eu quero você hoje, Lívia.

- Nós podemos ir para minha casa depois da festa.
  - Mas a Ana vai descobrir se nós estivermos lá.
  - Não tem problema. Eu já contei para ela e para as meninas também.
  - Tudo?
  - Quase. Não falei sobre o calabouço.
  - E como elas reagiram?
  - Elas estão preocupadas achando que você vai me machucar de alguma forma, mas me apoiaram.
  - Você sabe que eu jamais faria isso, não é?
  - Sei – ela sorri.
  - Você está muito bonita com esse vestido.
  - Obrigada. É a minha cor preferida.
  - Percebi... É a segunda vez que eu te encontro e é a segunda vez que você está vestindo dourado.
  - Cadu, você precisa fazer alguma coisa – Roberto diz depois de bater no meu ombro.
  - Do que você está falando?
  - Você não viu o Jorge tirando a Ana para dançar?
  - Não... Estava distraído.
  - Estou vendo! Agora vá lá e peça para dançar com ela.
  - Não seja ridículo, Roberto! É só uma dança.
  - Não é, não. Ele está dando em cima dela.
  - E por que você não vai lá e faz isso?
  - Porque podem desconfiar que nós estamos juntos. Anda logo... Eu nunca te pedi nada.
  - Está bem... Eu vou fingir que você nunca me pediu nada, mas espero que esse seja seu último pedido sem cabimento de hoje.
  - Obrigado!
- Vou até a pista de dança e faço o que ele pediu. Ana e eu esperamos a música terminar para não chamar atenção e voltamos para a nossa mesa.

Assim que eu me sento, Livia pergunta:

- Nós vamos para o meu apartamento, então?

- Sempre tão direta?

- Quase sempre.

- Vamos. Mas eu não posso ir embora agora. Ainda tenho que tratar de alguns negócios.

- Sem problemas. Eu posso esperar.

- Então você é o Carlos Eduardo? – a amiga que trocou de lugar comigo pergunta.

- Sim. Desculpe-me, eu esqueci seu nome.

- Alice.

- Sim, Alice. Eu me chamo Carlos Eduardo.

- A Livia falou muito bem de você. Eu espero que mesmo com o seu gosto... é... diferente, vocês se divirtam.

“Será que é maluca?”

- Obrigado?

- E se ela não estiver se divertindo, nós – ela aponta para as amigas – vamos saber e eu vou, pessoalmente, fazer com que você pare de se divertir também.

Ela diz sorrindo e com um tom bem tranquilo, mas ela está certamente me ameaçando. Eu tenho vontade de rir, mas me controlo.

- Alice! – Livia grita.

- O quê? Ele precisa saber que você não está sozinha e que nós tomamos conta umas das outras.

- Está tudo bem, Livia – digo. – É bom saber que você tem amigas verdadeiras.

Algum tempo depois, o garçom aparece com o jantar.

- Filé Mignon ou Salmão? – ele pergunta.

- Salmão – respondo. – Para mim e para ela.

- Mas eu queria... – Livia começa e eu a interrompo.

- Vai ser melhor se você comer o salmão.

- Por quê?



“É como manter um diálogo com uma criança de seis anos...”

- Você não pode simplesmente aceitar a sugestão?

- Eu vou aceitar... Só quero saber o motivo.

Aproximo meus lábios do seu ouvido

- Porque eu não quero que seu estômago esteja cheio mais tarde quando eu estiver fodendo você com força e quem sabe com os pés amarrados.

Lívia respira fundo e arregala os olhos para mim.

- Você vai amarrar meus pés?

- Se você se comportar, talvez.

- Eu vou querer o salmão mesmo – ela diz ao garçom, sorrindo.

Coloco minha mão em sua coxa e digo em seu ouvido:

- Boa menina.



Depois do jantar, eu me levanto um pouco para falar com um de nossos clientes. Ele também é dominador e frequenta o mesmo clube que eu.

- Carlos Eduardo! Até que enfim! Eu precisava mesmo falar com você.

- Sempre bom te ver, Daniel. Do que você precisa?

- Nossa empresa está mudando um pouco de ramo e eu quero que você faça a propaganda para os novos produtos.

- E do que se trata?

- Isso é uma surpresa. Vou mandar para o seu escritório na segunda. Depois de avaliar, quero que você me ligue e me diga se concorda ou não.

Vejo Lívia se levantar com a Alice e as duas vão para a pista de dança.

- Será um prazer. Eu entro em contato na segunda.

Começo a me afastar, mas ele diz:

- Espere! Eu vi a Mariana sozinha no clube ontem. Vocês não estão mais juntos?

- Eu acho que esse não é o melhor lugar para tratarmos desse assunto.

“Esse cara é ridículo e eu espero do fundo do meu coração que a Mariana não se envolva com ele.”

- Por que não, cara? Nós somos amigos.

Vejo Marcos caminhando em direção à Alice e Livia e respondo antes de fazer o mesmo:

- Porque eu estou trabalhando agora. Eu te ligo na segunda-feira.

Viro as costas e vou até a pista de dança. Marcos pede para dançar com a Alice e ela solta a Livia. Ela fica parada lá sozinha e eu me aproximo dela. Toco seu ombro, ela vira de frente para mim e sorri.

- Dance comigo.

- Isso foi um pedido?

- Não. Foi uma ordem.

Eu a seguro em meus braços e ela apoia a cabeça em meu peito.

- Você gosta de dançar? – ela pergunta.

- Depende do tipo de música.

- Você ainda tem muito trabalho a fazer por aqui?

- Não. Nós podemos ir para sua casa. Espere por mim no estacionamento e eu estarei lá em dez minutos.

- Tudo bem.

Ela tenta se afastar.

- Só depois que a música terminar. Nós ainda estamos dançando.

Ela volta a apoiar a cabeça em meu peito e nós ficamos assim até a música acabar. Eu me afasto e dou um beijo em sua mão antes de soltá-la. Livia sorri e desvia o olhar.

- Nos vemos daqui a pouco – digo.

Cumprimento mais alguns clientes enquanto Livia se despede das duas amigas que ainda estão na festa. Assim que ela sai do salão, eu começo a me despedir também.

- Boa noite para vocês. Eu já vou – digo para as pessoas que estão na mesma mesa que eu estava.

- Vai para casa? – Roberto pergunta.

- Sim.

- Sozinho?

Fico olhando bem para a cara dele para ver se ele se manca, mas não.

- Era só o que me faltava....

Saio do salão e vou direto para o estacionamento. Vejo Livia encostada no meu *Alfa Romeo* preto e pergunto:

- Como você sabe que esse é o meu carro?

- É só olhar em volta... Que outro carro aqui poderia ser seu?

Abro a porta para ela entrar e depois entro também.

- Você tem certeza que quer ir para o seu apartamento? – pergunto.

- Sim.

- Pegue a caixa que está embaixo do seu banco.

Livia faz o que eu mando.

- Abra.

Ela abre a caixa e fica olhando para a corda de algodão que está lá dentro.

- Você tem certeza que quer fazer isso? – pergunto.

Livia não responde e eu vejo seus seios subindo e descendo rapidamente por causa de sua respiração agitada.

- Livia?

- Vai doer?

- Não. Mas vai restringir seus movimentos e você vai estar completamente entregue ao que eu quiser fazer com você. Você tem certeza que quer fazer isso?

Depois de mais alguns segundos olhando para a corda, Livia olha para mim e diz:

- Tenho.